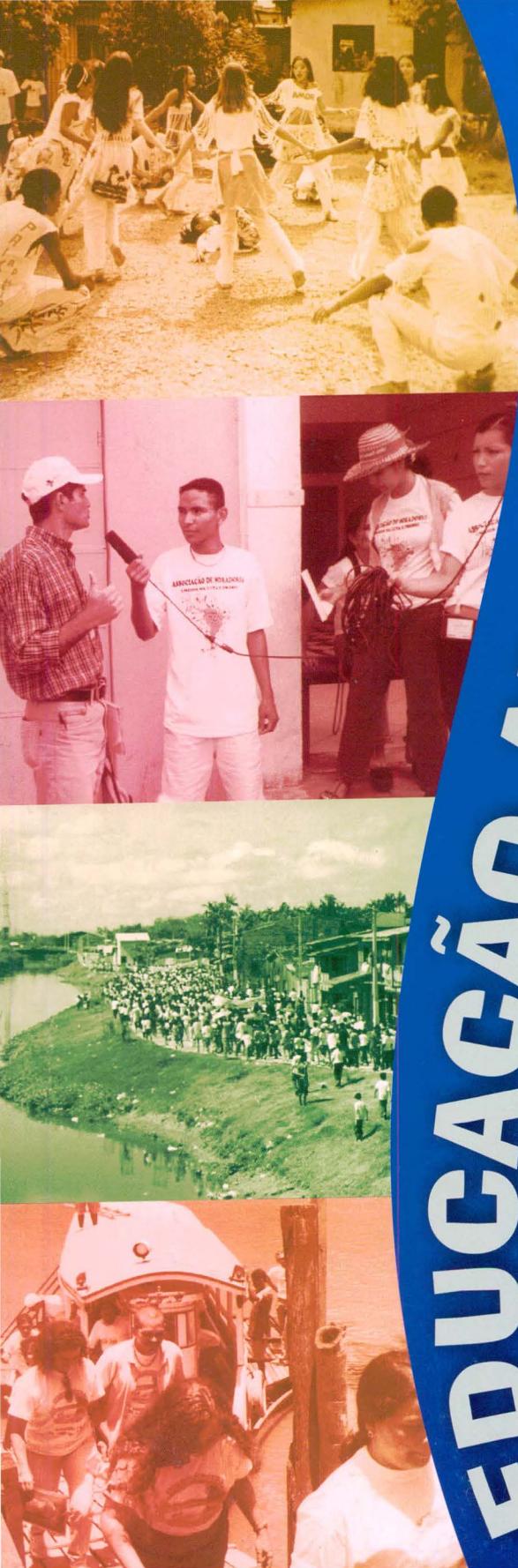


EDUCAÇÃO AMBIENTAL

FORTALECENDO A CULTURA DE REDE NAS ESCOLAS DO TUCUNDUBÁ



.....

PROJETO SÓCIO-EDUCACIONAL INTEGRADO PROSEI

Educação Ambiental: FORTALECENDO A CULTURA DE REDE NAS ESCOLAS DO TUCUNDUBA

Aldalice Moura da Cruz Otterloo

Jane do Socorro Sampaio

Márcia Cristina Lopes e Silva

Maria Betânia de Carvalho Fidalgo

Maria das Graças de Figueiredo Costa

(Organizadoras)

Maio de 2005

Belém - Pará



DIREÇÃO DO PROJETO GRÁFICO

Centro de Estudos e Práticas de Educação Popular - CEPEPO
www.cepepo.org.br

DIAGRAMAÇÃO

Erique Zanon
Joazi Gomes

CAPA

Gustavo Lopes - Estúdio Fokus

REVISÃO

Maria Helena de Almeida Lima

FICHA TÉCNICA

Valmira Rodrigues Lima de Araújo

A Educação Ambiental fortalecendo a cultura do trabalho em Rede. Aldalice Otterloo, Jane Sampaio, Márcia Silva, Maria Betânia Fidalgo e Maria das Graças Costa (organizadoras). Belém, PROSEI, 2005.

66f. il (Série Foração Continuada de professores, 3)

1. Educação Ambiental - 2. Professores - Prática Pedagógica - PROSEI

III. Série

CDD 372.357

E 24

Este caderno é uma produção do PROSEI - Projeto Socio-Educacional Integrado, do Programa de Educação na Amazônia, podendo ser reproduzido total ou em parte desde que citada a fonte de origem.



PROJETO SÓCIO-EDUCACIONAL INTEGRADO



INSTITUIÇÕES PARCEIRAS:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Centro de Educação e Núcleo Pedagógico Integrado

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM

Secretaria Municipal de Educação e Secretaria Municipal de Economia

ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

(APACC, CEPEPO, FASE, UNIPOP¹)

RAYTHEON COMPANY

Empresa financiadora

FADESP

Instituição administradora dos recursos

SEDE DO PROJETO:

Universidade Federal do Pará
Campus Universitário do Guamá
Centro de Educação – Sala 139
Fone/fax: 0XX 91 – 249-2796
E-mail: prosei@bol.com.br



COORDENAÇÃO EXECUTIVA DO PROSEI

COORDENAÇÃO GERAL

Aldalice Moura da Cruz Otterloo – PMB/SEMEC

LINHA - FORMAÇÃO CONTINUADA

Jane do Socorro Sampaio – PMB/SEMEC

Eliana da Silva Felipe – UFPa/ Centro de Educação

Georgina Negrão Kalife Cordeiro – UFPa/Centro de Educação

LINHA 2 - FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Indalécio Pacheco – PMB /SECON

Soraya Barbosa de C. Corrêa – PMB/SECOM

LINHA 3 - EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Selma Costa Pena – UFPa /Centro de Educação

LINHA 4 - CONSTRUÇÃO DA AGENDA 21

Maria das Graças de Figueiredo Costa - FASE

Márcia Cristina Lopes e Silva – APACC

Ana Maria Sgrot Rodrigues - UNIPOP

Ilma Bittencourt – CEPEPO

SECRETARIA EXECUTIVA

Rosa Malena de Silva Lima – Secretária Executiva

Tony Lima Viana - Assistente Técnico (administrativo e operacional)

Fernando Oliveira da Silva – Digitador

FORMADORES (AS) RESPONSÁVEIS PELA FORMAÇÃO E ASSESSORIA AOS PROJETOS DAS ESCOLAS

Ana Maria Sgrot Rodrigues - UNIPOP
Associação do Povo Carente

Cicero Jacob de Souza Rodrigues - SEMEC
Associação de Moradores da Terra Firme

Cintia Barbosa da Silva - UFPA
E. M. Edson Luis

Doraci Marinho Souza Lopes - UFPA
E. M. Prof. Solerno Moreira

Eliana Campos Pojo - SEMEC/FAP
E. M. Parque Amazônia

Elis Regina Brito Almeida - UFPA
E. M. Edson Luiz

Jorge Antonio Gama Santa Maria - SEMEC/UEPA
E. M. Parque Amazônia

Jorge Maurício Machado da Silva - SEMEC
E. M. Profa. Stellina Valmont

Manoel Imbiriba Júnior - UFPA/SEMMA
E. M. Prof. Solerno Moreira

Márcia Cristina Lopes e Silva - APACC
Associação de Moradores da Terra Firme

Marcio Mendes Ritzmann - SEMMA
E. E. Prof. Celso Malcher

Maria das Graças de Figueiredo Costa - FASE
E. M. Profa. Stellina Valmont

Maria de Fátima Santana da Silva - SECON
ERC. Gabriel Pimenta

Mônica Ferreira - SEMMA/PMB
ERC Gabriel Pimenta

Nilene Fernandes Soares - SEDUC/FAP
E. E. Prof. Celso Malcher

Sidclay Santos Furtado - CEFET
Associação de Moradores da Terra Firme

Sônia Eli Cabral Rodrigues - FUNPAPA
E. E. Celso Malcher

Vânia Helena da Silva Nogueira - SEMMA
Associação do Povo Carente

EDUCADORAS RESPONSÁVEIS PELO PROCESSO DE SISTEMATIZAÇÃO

Aldalice Moura da Cruz Otterloo - Coordenadora Geral do PROSEI

Jane do Socorro Sampaio - Coordenadora da Formação Continuada

Márcia Cristina Lopes e Silva - Vice- coordenadora da linha 4 – Agenda 21

Maria Betânia de Carvalho Fidalgo – Formação dos Formadores em EA

Maria das Graças de Figueiredo Costa – Coordenadora da linha 4.

Nosso maior aprendizado nesses cinco anos do PROSEI pode ser traduzido na música de Gonzaguinha, Caminhos do Coração:

E aprendi que se depende sempre,
De tanta muita diferente gente
Cada pessoa sempre é as marcas
das lições diárias de outras tantas pessoas
É tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá.
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
Por mais que pense estar...

AGRADECIMENTOS

Queremos fazer neste documento, um **agradecimento especial**

- **a todos os segmentos das nove escolas**, que aceitaram o convite do Prosei e se engajaram na luta pela qualidade de vida na escola e na comunidade, por se sentirem desafiados a mostrar sua ousadia: professores e professoras, coordenadoras pedagógicas, gestores e gestoras, servidoras e servidores, pais e mães, alunos e alunas. Sem eles e elas, companheiros de sonhos e utopias, nada teríamos conseguido;
- **aos formadores/facilitadores**, que colocaram suas competências, habilidades e motivações a serviço da causa, estimulado todos os segmentos das escolas a tecerem uma nova rede de relações, humanizando o espaço escolar e seu entorno, o que precisa ter continuidade. É da autoria deles e delas boa parte da matéria prima deste trabalho;
- **aos parceiros**: Universidade Federal do Pará (Centro de Educação e N.P.I.), Prefeitura Municipal de Belém (Secretarias Municipais de Educação e de Economia) e Organizações Não Governamentais (APACC, CEPEPO, FASE e UNIPOP) que acreditaram no sonho de um trabalho coletivo e compartilhado, viabilizando a preparação dos sujeitos das escolas e seu entorno para serem melhores como pessoas e mais ativos como cidadãos e cidadãs através da vivência de relações mais humanizadoras;
- **a Raytheon**, que tornou possível a construção do Prosei, pelo aporte de recursos investidos e pela escolha de seu representante **Diomar Silveira**, que soube com tranqüilidade e competência, articular os três projetos, desatar os nós e garantir a autonomia de trabalho de cada equipe para que a identidade dos projetos fosse preservada;
- **à equipe de Avaliação Externa**, que soube identificar os avanços e as lacunas dos caminhos traçados no Prosei, nos ajudando a refletir sobre as práticas vividas e a fazer a interlocução com os sujeitos das ações;
- **a Malena, Tony e Fernando**, que souberam viabilizar o funcionamento da retaguarda para que as atividades acontecessem, com dedicação e eficiência, no espaço/tempo previsto;
- **a FADESP**, pela administração eficiente dos recursos

Para cada um e cada uma o nosso muito obrigada.

Equipe do Prosei

De tudo ficaram três coisas:

a certeza de que estava sempre começando,
a certeza de que era preciso continuar e
a certeza de que seria interrompido
antes de terminar.

Fazer da interrupção um caminho novo,
fazer da queda, um passo de dança,
do medo, uma escada, um sonho, uma ponte,
da procura, um encontro.

Fernando Pessoa

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	13
PRIMEIRA PARTE:	
1. CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	16
Do bairro para a escola	
Da escola para o bairro	
SEGUNDA PARTE:	
2. BASE HISTÓRICA E CONCEITUAL DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL INSERIDA NA METODOLOGIA DAS ATIVIDADES FORMATIVAS	21
Por quê e para quê trabalhar Educação Ambiental?	
Os caminhos percorridos pelas Escolas	
3. DIAGNÓSTICO SÓCIO-AMBIENTAL: O ESTUDO DA REALIDADE COMO FUNDAMENTO PARA O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS E AS INTERVENÇÕES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL	27
Conhecendo a realidade no entorno das escolas para melhor compreendê-las	
Conhecendo as relações no interior das escolas através dos atores do grupo-escola	
Preparando o percurso formativo dos grupos-escola através das oficinas	
4. A CONSTRUÇÃO CURRICULAR A PARTIR DOS TEMAS GERADORES E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	37
A metáfora da “Rede” como estratégia para organizar um currículo integrado	
Os projetos realizados pelos grupos-escola, no percurso formativo da Educação Ambiental	
1º . Projeto de Combate à Violência (experiência relatada pela Escola Municipal Parque Amazônia)...	41
1.1 - Buscando compreender as causas e os efeitos da violência, para então decidir a intervenção	
1.2 - Definindo caminhos através da Educação Ambiental	
1.3 -Articulando os caminhos da intervenção com o Projeto político-pedagógico da escola	
1.4 – Operacionalizando a rede de relações entre os caminhos traçados	
1.5 - Construindo estratégias para viabilizar a operacionalização das ações	
1.6 - Avaliando o percurso e identificando resultados	

2º. REORGANIZANDO O ESPAÇO AMBIENTAL - (experiência relatada pela Escola Comunitária Gabriel Pimenta)	46
2.1-Conhecendo a realidade do entorno da escola	
2.2-Definindo estratégias para enfrentamento dos problemas detectados	
2.3-Avaliando a estratégia e comemorando os resultados	
5. OBSERVAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
ANEXOS	51

APRESENTAÇÃO

A realidade sócio-econômica da área do Tucunduba, que abrange os bairros da Terra Firme e Guamá, é uma das mais excludentes de Belém. A pesquisa realizada pelo Projeto, em 2001, revelou que dos 27 mil habitantes 56,8% possuíam apenas o primeiro grau incompleto, 40% tinham migrado do interior do Estado, principalmente das regiões ribeirinhas, em busca de melhores condições de vida, 57% encontravam-se desempregados e 31% estavam no mercado informal.

Essa área apresenta também uma população jovem numerosa (cerca de 43% da população está na faixa de 10 a 29 anos), com poucas alternativas de trabalho para os(as) jovens e deficiência de políticas públicas, especialmente nas áreas de educação, saneamento, cultura e lazer. Há um crescente envolvimento desses jovens em grupos ociosos de rua, favorecendo a grupalização para pichações, formação de gangues, uso de drogas, o que resulta no abandono escolar e no acirramento de conflitos e confrontos entre grupos e dentro do espaço familiar.

A primeira razão que nos estimulou a inserir no Projeto Sócio-Educativo Integrado a questão ambiental, foi o confronto diário com as condições de violência e péssima infra-estrutura urbana existente nas áreas do entorno das escolas com as quais trabalhávamos, e como esta situação adentrava na escola e nos seus integrantes, criando um ambiente desolador e desumanizador.

Um outro fato que corroborou para essa inserção foi a degradação ambiental em todos os cantos do bairro e da escola. Essas observações e sentimentos foram socializados com os parceiros e todos os atores sociais envolvidos por dentro e por fora da escola, levando-nos a buscar fundamentos que nos ajudassem a encontrar alternativas de enfrentamento e superação.

Na década de 80, significativos trabalhos nacionais e internacionais, focando a temática do ambiente, foram produzidos pela academia e mesmo fora dela. Soma-se a isso, o esforço de educadores no mundo inteiro dedicados à Educação Ambiental. Contudo, a questão ecopedagógica, como reflexão sistematizada de uma pedagogia do planeta Terra, é ainda recente. A partir de 1999, com os escritos de Francisco Gutiérrez (na obra *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*) e, pouco depois, pela contribuição de Moacir Gadotti (em *Pedagogia da Terra*, 2000) esse tema começou a tomar forma e a circunscrever-se como um campo da pedagogia contemporânea. Trata-se, pois, de um espaço novo de pesquisa pedagógica que já possui uma produção acumulada no campo educacional; mas, por seu caráter intertranscultural, portanto, inter e transdisciplinar, está aberto a novas e relevantes construções e investigações.

Desde 1999, professores, educadores e agentes sociais, pesquisadores e militantes de ONGs, entre outros, do Brasil e de outros países, vêm manifestando interesse de formação nessa área. O amadurecimento do conceito de ambiente, como produto da natureza e da sociedade, bem como o seu equacionamento ecossocial, como condição para a existência presente e futura, também contribuíram para isso.

O Projeto Sócio-Educativo Integrado ao assumir a Ecopedagogia como fundamento, eleger a escola como interlocutora privilegiada de suas ações (a partir de uma visão holística da questão educacional) e as crianças, adolescentes, jovens, educadores, servidores, pais e mães de alunos, coordenadores pedagógicos

e dirigentes, como sujeitos principais do processo de desenvolvimento, deu um passo significativo de inserção na dinâmica interna da escola, identificando seus limites e possibilidades para a formação de uma nova mentalidade sócio-ambiental capaz de transformá-la num espaço permanente de mobilização social no combate à violência, ao analfabetismo – que muitas vezes se reproduz dentro da própria escola, a degradação ambiental, às desigualdades sociais, como fatores que desrespeitam a vida e os direitos humanos.

Contudo, o combate à pobreza (econômica, cultural, espiritual) e à violência precisa ser entendido na sua globalidade. A experiência histórica tem confirmado que políticas sociais centradas no indivíduo, apartado das condições sociais nas quais ele foi produzido, têm poucos efeitos sobre o conjunto global das relações que o envolvem, mantendo-se dessa forma inalteradas as situações que perpetuam a condição de pobreza e a violência consequente. Por isso inserir a escola no bojo de políticas integradas que fomentem o papel formativo dos sujeitos que a integram, buscando o diálogo permanente entre eles, e da escola com a comunidade em seu entorno, é um desafio permanente.

Este trabalho reflete os resultados das ações efetivadas pelo Projeto Educação Ambiental e Qualidade de Vida, do PROSEI, em nove escolas da periferia de Belém, mais especificamente na Bacia do Tucunduba, que foi produzido por muitas pessoas e a elas se destina: professores(as), servidores(as), alunos e alunas, pessoal técnico das escolas, diretoras e diretores, pais e mães, além de membros da comunidade em geral que ainda fazem da participação direta a melhor forma de transformar a educação numa prática de inclusão social e cidadã.

Esperamos que as experiências aqui relatadas possam provocar inquietações, perguntas e respostas, reelaboração e produção de novos conhecimentos que façam avançar o aprendizado de uma nova cultura sócio-ambiental, a qual só irá se consolidar em processos coletivos de ação-reflexão-ação.

Aldalice Otterloo
Cordenadora Geral do PROSEI

INTRODUÇÃO

O que significa introduzir Educação Ambiental em escolas de ensino fundamental? Quais são os objetivos a serem perseguidos e, a partir daí, como implementar uma metodologia adequada à realidade onde se realiza a experiência?

São muitas as perguntas e este trabalho não tem a pretensão de dar todas as respostas. Propõe-se apenas a socializar, problematizar e contribuir para a busca de algumas respostas através das experiências que se desenvolveram em nove escolas da bacia do Tucunduba, em Belém do Pará.

Objetiva também resgatar das experiências vividas o sentido das mudanças ocorridas, que criaram espaços de reflexão e revisão de práticas educacionais tradicionais, tendo como foco a rediscussão do papel da escola e a Educação Ambiental como eixo articulador dessa discussão.

Em toda a sua trajetória o PROSEI vivenciou junto às escolas da bacia do Tucunduba, práticas que se materializaram através da formação de professores e professoras com interfaces nas diversas dimensões educativas que atingiram a totalidade da comunidade escolar: os(as) professores(as), pais e mães de alunos e alunas, coordenadoras pedagógicas, gestores(as) e servidor(as), além da comunidade em seu entorno.

As chamadas “linhas de ação” – Formação Continuada de Professores(as), Formação Profissional de Pais e Mães, Alfabetização de Jovens e Adultos e continuidade de estudos e a Construção da Agenda 21, se entrecruzaram para refletir sobre o processo educativo desenvolvido por escola e as alternativas criadas para superação das dificuldades encontradas.

Esse entrecruzamento fez surgir a idéia do projeto Educação Ambiental e Qualidade de Vida, no sentido de complementar o que já vinha se realizando nas escolas envolvidas no PROSEI como espaços privilegiados de ensino e aprendizagem, com potencialidades para ampliação e fortalecimento de uma cidadania plena, ancorada na abordagem sócio-ambiental. Como se observará neste trabalho, as ações desenvolvidas em sala de aula, na escola e na comunidade promoveram mudanças de atitudes relacionadas à Educação Ambiental e, principalmente, de comprometimento pessoal com projetos sociais, o que pode ser considerado como um significativo avanço.

Ao considerar a Educação Ambiental como uma abordagem educacional que propicia mudanças de paradigmas e de atitudes, nosso entendimento é de que a opção de trabalhar na escola foi acertada, tendo em vista que, mesmo com as dificuldades existentes, a escola ainda se constitui como importante agente de mudanças, que começam a se realizar a partir dela mesma, palco de iniciativas sustentadas por novos valores, preconizados pela Educação Ambiental, partindo da sala de aula para gerar um ambiente mais humanizador em toda a escola, com reflexos na vida familiar e na convivência em comunidade.

Todo o processo desenvolvido nas escolas do Tucunduba - municipais, estaduais e comunitárias, certamente contribuiu para a sensibilização e a tomada de consciência da comunidade escolar e para uma nova atitude ambiental. Foram diversas as ações que oportunizaram a interrelação entre educadores e educadoras, alunos(as), servidores(as) e dirigentes no planejamento conjunto de atividades como feiras da cultura, seminários integradores, práticas coletivas e campanhas de conservação e promoção de um novo ambiente escolar, projetos de pesquisa e seus resultados, assim como aquelas que ultrapassaram os

muros da escola, atingindo a área onde cada uma delas está inserida, através das ações festivas e de mobilização de toda a comunidade e dos órgãos públicos, por melhorias físicas e de infra-estrutura os bairros onde se situam.

Esse processo mobilizatório nos oportunizou alguns aprendizados importantes: o primeiro é a certeza de que o caminho estabelecido está apenas começando a ser trilhado, pois a aprendizagem adquirida evidencia que a Educação Ambiental – EA não pode se constituir apenas como um ajuntamento de ações pontuais, mas um processo continuado de ações articuladas a partir do envolvimento de todos e todas, aprofundando os avanços, refletindo sobre as resistências e mobilizando toda a comunidade escolar para uma co-responsabilidade na construção de uma escola mais democrática, participativa, com um aprendizado relacional mais humano, mais solidário e, portanto, com um ambiente mais saudável.

O segundo aprendizado é que esse exercício de cidadania também terá multiplicabilidade na família e na comunidade e poderá ampliar a consciência sócio-ambiental da população do Tucunduba, incentivando-a a preservar o meio ambiente, cuidando de si e do seu entorno.

“Há algo nos seres humanos que não se encontra nas máquinas: o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado. Só nós humanos podemos sentar-nos à mesa com o amigo frustrado, colocar-lhe a mão no ombro, tomar com ele um copo de cerveja e trazer-lhe consolação e esperança.”

Construímos o mundo a partir de laços afetivos. Esses laços tornam as pessoas e as situações preciosas, portadoras de valor. Sentimos responsabilidade pelo laço que cresceu entre nós e os outros.

A categoria cuidado recolhe todo esse modo de ser. Mostra como funcionamos enquanto seres humanos. É o sentimento que torna as pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo chama-se cuidado”

Leonardo Boff
(Saber Cuidar, 2000)

EDUCAÇÃO AMBIENTAL:

**FORTALECENDO A CULTURA DO TRABALHO EM
REDE NAS ESCOLAS DO TUCUDUBA PARA
MELHORAR A QUALIDADE DE VIDA**

1. CONTEXTUALIZANDO A EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Do bairro para a escola:

As escolas da bacia do Tucunduba situam-se em sua maioria no bairro da Terra Firme, às proximidades de várias instituições de grande porte como a Universidade Federal do Pará - UFFP, Universidade Rural da Amazônia - UFRA e outras. A área é constituída de uma comunidade popular, de maioria de trabalhadores informais e muitos desempregados. Por conta disso, é visível nos arredores das escolas a movimentação de pessoas, entre as quais crianças brincando na rua, mães sentadas nas calçadas, jovens jogando bilhar, adultos a conversar, e outras atividades semelhantes durante o dia.

Por outro lado, na produção histórica e cultural do espaço geográfico dessa localidade, muitas vezes de forma conflitante, os moradores e moradoras foram aprendendo e reaprendendo no cotidiano a necessidade de lutar pela sobrevivência. Assim, os sonhos são comuns: a melhora de vida, a concretização das necessidades imediatas, a conquista de políticas públicas, a urbanização do bairro pelo poder público.

No processo de gestão da cidade, por meio do poder público municipal que se desenvolveu ao longo dos últimos sete anos - 1997/2004, observa-se que muitas pessoas da comunidade e da escola participaram das assembleias de bairro, se inseriram um pouco nesse movimento reivindicatório e propositivo de ações por políticas públicas. O bairro da Terra Firme foi palco de diversos programas, onde se destaca o MOVA², na alfabetização de adultos, o Programa Família Saudável, na área da saúde, e o Programa Bolsa Escola, para garantir o acesso e a permanência dos alunos na escola, além do aumento do número de escolas e de vagas, entre outros, na perspectiva da garantia de direitos a esta parcela da população.



As atividades desenvolvidas pelo PROSEI como parte da estratégia “do bairro para a escola” ocorreram nos dois primeiros anos, envolvendo as lideranças comunitárias, os(as) diretores(as), coordenadores(as) e professores(as) das escolas durante os finais de semana, quando tinham tempo disponível ou, eventualmente, no período noturno. Foram realizadas reuniões de planejamento e avaliação com a participação efetiva desses grupos nos espaços da UFPA, nos centros comunitários e nas escolas, tendo o PROSEI garantido todo o material de apoio.

A proposta do PROSEI, tendo como referência o trabalho de parceria e o papel social da escola, foi de ir construindo as condições objetivas para trazer à comunidade o debate em torno da Agenda 21 Local. Assim, por meio de várias atividades, cuja culminância foi a Campanha de Educação Ambiental, “Xô Sujeira! Tucunduba, esse rio é minha vida”, que contou com a participação de todos os segmentos das escolas inseridas no projeto e lideranças comunitárias interessadas. Como uma primeira etapa na elaboração de um plano de mobilização social para a Bacia do Tucunduba, a Campanha foi precedida de Seminários de Informação e Oficinas de Trabalho, com enfoque nos elementos-chave que interferem na qualidade de vida das pessoas como saneamento ambiental, distribuição e tratamento de água, saneamento ambiental, tratamento de dejetos sólidos, drenagem e tratamento de doenças, reaproveitamento de materiais e produção de materiais informativos e educacionais.

A campanha constituiu-se como uma ferramenta metodológica, cuidadosamente preparada durante as atividades formativas, com várias comissões constituídas para planejar e executar as tarefas. Simulações de como abordar pessoas e famílias foram feitas a fim de potencializar todas as habilidades do grupo de lideranças. A principal atividade da campanha, um grande mutirão de visitas às casas, envolvendo diretamente 200 pessoas que conversaram com a população sobre os problemas ambientais, estimulando a mobilização e a organização popular como caminhos para a solução dos problemas comuns existentes, levantados pela própria população na pesquisa realizada na área pelo PROSEI. Um importante instrumento de esclarecimento e mobilização durante a campanha foi o Jornal Igarapé, produzido pelas lideranças comunitárias e das escolas, com assessoria do PROSEI. Um outro ponto alto durante o mutirão foi a apresentação do teatro Pororoca, do Grupo Nação Jovem constituído por 23 jovens de ambos os sexos, cujo tema foi centrado na Educação Ambiental, principalmente na crítica ao tratamento que a população dá ao lixo, poluindo o rio Tucunduba. Este trabalho foi resultado do processo formativo desses jovens como agentes de Educação Ambiental. O grupo encenou vários esquetes,³ que foram sendo apresentados no percurso, atraindo as pessoas e, ao mesmo tempo, mostrando as possibilidades de mudança a partir da tomada de decisão por parte da população.

Todo o processo desenvolvido pelo PROSEI legitimou sua participação no Fórum de Educação Ambiental, do município de Belém, articulado pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SEMMA, cujo importante resultado foi a construção do Plano Municipal de Educação Ambiental para Belém, com efetiva participação da sociedade civil. A realização de Fóruns nos Distritos Administrativos, como resultado dos seminários locais, também teve a participação do PROSEI no planejamento, execução e avaliação.

² Movimento de Alfabetização

³ Apresentações teatrais de curta duração relacionadas a temas específicos.

Da escola para o bairro:

No decorrer do ano de 2003, o PROSEI concentrou na linha 4 a estratégia de qualificar a sua contribuição junto às escolas, na perspectiva de incorporar a dimensão da Educação Ambiental no projeto político-pedagógico desenvolvido pelas mesmas. Num processo bastante participativo, construiu as bases dessa ação através do projeto Educação Ambiental e Qualidade de Vida.

Este introduziu a questão ambiental não apenas como tema curricular, mas como ações concretas de intervenção de alcance cultural, na perspectiva da formação para uma nova cidadania ambiental, possibilitando a criação de novos espaços para reflexão e ação sobre a nossa biodiversidade, multiculturalismo, desvelando em cada um e em cada uma o sentimento de pertença a esta vasta e rica região, fortalecendo a nossa identidade amazônica.

Junto a isso foram viabilizados espaços de reflexão sobre nossas próprias atitudes no saber cuidar, recorrendo ao trecho da música de Peninha “quando a gente gosta, é claro que a gente cuida....” A partir daí buscamos apoio nos ensinamentos do professor colombiano Bernardo Toro, segundo o qual uma das sete aprendizagens básicas do ser humano é *aprender a cuidar de si e do seu entorno*. Cuidar da nossa saúde, do nosso corpo, das nossas coisas, das nossas amizades, da nossa casa, da nossa escola, dos nossos filhos e filhas, de nossos alunos e alunas e do nosso coração.

E o que significa cuidar? Significa *desvelo, solicitude, zelo, atenção, bom trato*.

Por sua própria natureza, cuidado inclui duas significações intimamente ligadas. A primeira é a atitude de desvelo e de atenção para com o outro. A segunda é de preocupação e de inquietação, porque a pessoa que tem cuidado se sente envolvida e afetivamente ligada ao outro.

Os dois significados básicos confirmam a idéia de que o cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude. É um modo de ser-no-mundo sustentado por relações que estabelecemos com todas as coisas. Então não basta estar na natureza, junto com as plantas, os rios, os animais e com outras pessoas. É preciso estar presente, relacionar-se com todas as coisas e desenvolver a consciência comunitária de que não estamos sós, e que nessa relação com o outro podemos construir um mundo mais humano, mais fraterno e mais cristão para todos e todas, mas cada um precisa fazer a sua parte.

Um outro autor que contribuiu para nossa fundamentação foi Gutiérrez⁴. Com ele e Gadotti fomos buscar os princípios da Ecopedagogia na perspectiva de se identificar melhor a importância e a essencialidade de se formar pessoas responsáveis pela preservação da vida como forma de se contrapor a esse processo acelerado de deterioração ética e desrespeito à vida. Eles ressaltam que essa formação tem que começar na escola, onde se busque desenvolver nos(as) educadores(as) e educandos(as):

- *a capacidade de compreender e recriar o novo contexto sócio-ambiental pelo conhecimento de suas causas e consequências. “É importante recordar que não se trata apenas de sobreviver, mas de melhorar de maneira sustentável a qualidade de vida de milhões de pessoas.”;*

⁴ Gutiérrez, Francisco. Ecopedagogia e Cidadania Planetária, Cortez, 2000, p.45, 2^a edição, São Paulo

- a capacidade de relacionar a ecologia do eu com as exigências da nova cidadania ambiental. "Na prática, o arco-íris compreende uma vasta gama de opções humanizadoras, contribuições ao desenvolvimento de uma humanidade unida na diversidade, em harmonia com a vida e a natureza.";
- a capacidade de sentir e expressar a vida e a realidade tal e como deve ser sentida e vivida. "Na construção de nossas vidas neste novo entorno, não podemos continuar excluindo, como até agora, toda retroalimentação ao sentimento, à emoção e à intuição como fundamentos da relação entre os seres humanos e a natureza."



A escola, espaço onde se desenvolveu a segunda etapa da experiência, mesmo com todos os seus problemas estruturais e políticos ainda é um espaço importante de socialização do conhecimento, de cultura e formação de hábitos e atitudes diante da vida, de possibilidades de aprender o respeito às diferenças, o conhecimento tradicional, a preservação do ambiente em que se vive e trabalha.

Dentro do espaço das nove escolas, foram mobilizados em torno de mil pessoas entre professores(as), pedagogas, servidores(as), pais e mães de alunos e alunas e mais de cinco mil crianças e adolescentes, sem contar com outros parceiros que assumiram conosco esse projeto de futuro: pensar a Educação Ambiental como eixo integrador de todas as ações da escola, abrindo espaço de aprofundamento sobre o processo pedagógico que conjuga a aprendizagem a partir da vida cotidiana, dentro dos paradigmas da Ecopedagogia.

Processo Pedaqógico

A Educação Ambiental não é mais do que a “ mediação pedagógica entre:
o imediato e o mediato,
o próximo e o distante,
o mais sentido e o menos sentido,
o privado e o público,
o pessoal-familiar e o público,
o individual e o organizativo,
a dispersão e a presença na sociedade civil,
um horizonte de compreensão e outros,
um eu, um você e um nós,
o micro e o macro.”

Francisco Gutiérrez

(Ecopedagogia e Cidadania Planetária, 2000)

2. BASE HISTÓRICA E CONCEITUAL DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL INSERIDA NA METODOLOGIA DAS ATIVIDADES FORMATIVAS.

Por quê e para quê trabalhar Educação Ambiental?

O final do século XX e mais especificamente as quatro últimas décadas desse século, podem ser demarcadas historicamente como um período no qual as discussões relacionadas às questões ambientais passaram a ter ressonância a nível mundial.

Os debates em torno do esgotamento dos recursos naturais, a contaminação do solo e da água, a produção de lixo, a poluição atmosférica, o aquecimento global e a própria sobrevivência da espécie humana e do planeta Terra apontavam para a necessidade do ser humano assumir uma nova postura relacionada à preservação do planeta numa perspectiva sustentável.

Neste cenário, de uso inadequado dos recursos naturais e planetários, coube à Organização das Nações Unidas, (ONU) através da UNESCO, o papel de reunir um conjunto de países para discutir as questões ambientais como uma problemática mundial apontando para a necessidade de criação de um Programa Internacional de Educação Ambiental (P.I.E.A).

As conferências de Tblise(1972) e Estocolmo(1977) lançaram as bases para que os objetivos, princípios e características da Educação Ambiental fossem compreendidos como uma dimensão do conteúdo e da prática da educação, orientada para resolução dos problemas concretos, além de contribuir para o movimento em torno da criação de alternativas de preservação do meio ambiente e ampliada para outros segmentos sociais, principalmente no âmbito das organizações não governamentais e entre movimentos da sociedade civil.

A necessidade de se assumir uma nova postura em relação ao planeta Terra, e a importância de se formar cidadãos e cidadãs responsáveis pela preservação da vida e do meio ambiente despontam como formas de resistência ao processo de degradação sócio-ambiental presente em larga escala na sociedade contemporânea.

A década de 90 foi rica no debate sobre a questão ambiental trazendo para o centro da agenda nacional, com a ECO92, os problemas ambientais e a necessidade de uma nova postura em relação ao planeta Terra, consequência da imposição do processo de globalização, nos transformando em cidadãos do mundo. Em 2002, na África do Sul, se debateu a Rio + 10, onde educadores, ambientalistas, pesquisadores, economistas e estudiosos do mundo inteiro buscaram alternativas para a sustentabilidade do planeta, tanto a econômica quanto à ecológica, social, cultural, política e ética.

Vários estudiosos sobre o tema trazem contribuições importantes para reafirmar a necessidade de uma ação efetiva e consequente, não só por parte dos governos como por aqueles que têm a responsabilidade de formar as novas gerações. Afirmações como de Alicia Bárcena, na sua conferência sobre Cidadania Ambiental Mundial (1994), que ressalta ser “a formação de uma cidadania ambiental, um componente estratégico do processo de construção da democracia”; de Leonardo Boff, em seus livros Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres (1996) e no Saber Cuidar (1999) fazendo o confronto entre os

paradigmas “desenvolvimento sustentável” versus “sociedade sustentável” e a necessidade de se construir um novo projeto civilizatório; de Francisco Gutiérrez, com a Ecopedagogia e Cidadania Planetária (2000), nos chamando a atenção sobre o processo de deterioração acelerado da vida dos seres humanos, a deterioração ética e o subdesenvolvimento da sensibilidade que explicam em grande parte essa desumanização, o aumento da violência, o incentivo à competição, transformando o mundo em um grande mercado, provocando a perda de referenciais baseados nos princípios do respeito às diferenças, da solidariedade, da garantia dos Direitos Humanos; e de Moacir Gadotti, com a Pedagogia da Terra (2000) argumentando a necessidade de se construir uma cultura da sustentabilidade, isto é, uma biocultura, uma cultura da vida, da convivência harmônica entre os seres humanos e entre estes e a natureza (equilíbrio dinâmico).

Essas afirmações, frutos de estudos e pesquisas, refletem a abrangência e a complexidade das questões ambientais que envolvem elementos da dinâmica natural com elementos da dinâmica social (cultura, política, economia e educação). É nesse contexto que se insere o Projeto Sócio-Educacional Integrado - PROSEI, pelo fato de envolver tanto instituições educacionais de pesquisa e formação acadêmica quanto organizações não governamentais que atuam com políticas sociais e acumulam experiências nas questões ambientais no âmbito de suas ações formativas e afirmativas. Além disso, o PROSEI se constitui como uma experiência peculiar de formação de agentes de Educação Ambiental, desenvolvendo ações de cunho sócio-educacional, as quais têm contribuído para internalizar, dentre os sujeitos que produzem o espaço de convivência escolar, novos paradigmas de relações interpessoais a partir da premissa de Bernardo Toro: *“Aprender a cuidar de si e do seu entorno.”*

Concebida dessa forma, a escola e as organizações comunitárias se constituíram espaços formativos prioritários, pelas potencialidades para gestar, no seu interior, alternativas de desenvolvimento sócio-ambiental, através de processos que envolveram a participação efetiva dos diferentes sujeitos sociais na busca por soluções dos problemas que afetam a comunidade e a própria escola.

É nesta perspectiva que os processos de formação continuada, iniciados pelo Projeto Educação Ambiental e Qualidade de Vida – EA e QV, podem vir a se constituir num dos espaços para desenvolvimento de uma nova identidade social que se fundamenta numa forma de convivência mais equilibrada entre os diversos segmentos da escola, num exercício de co-gestão, de melhoria das relações de poder e da compreensão ampliada sobre o meio ambiente, na direção de uma sustentabilidade que integra o desenvolvimento social, cultural e econômico com qualidade de vida para todos e todas.

Os caminhos percorridos pelas Escolas

No contexto particular da bacia do Tucunduba, promover qualquer processo formativo dissociado do quadro de pobreza, violência, falta de saúde e escolaridade e de precárias condições de infra-estrutura, seria uma incoerência. Então, o grande desafio do PROSEI foi fazer o diagnóstico participativo em cada escola e a partir da análise crítico-reflexiva dos conceitos, valores e práticas presentes no cotidiano escolar, propor caminhos diferenciados para formar, articular e mobilizar os múltiplos sujeitos da escola, tendo como eixo articulador os temas geradores, apontados pelo diagnóstico feito a partir da pesquisa sócio-antropológica realizada pelas escolas.

Nessa perspectiva, as experiências das escolas foram se constituindo na base do processo formativo, não se reduzindo à simples transposição de conhecimentos e ações, mas num movimento de recriação de

saberes e conhecimentos que, paulatinamente, possibilitarão à escola e aos seus sujeitos, atuarem na promoção de alternativas de desenvolvimento local que venham refletir-se na qualidade de vida da comunidade.

A crença de que a Educação Ambiental propicia mudanças na forma do ser humano perceber e conviver com o meio ambiente, e que a escola é um espaço privilegiado para fomentar essas mudanças, apontou caminhos para se construir processos formativos que fizessem a mediação pedagógica e dialógica entre a escola e outros sujeitos sociais.

Nesse sentido ganhou centralidade a compreensão de que a formação continuada em Educação Ambiental não poderia ser um processo focado apenas na figura do(a) professor(a), mas ampliado para todos os segmentos da escola, uma vez que as atitudes de cada um são exemplos que podem referendar ou negar as alternativas geradas na sala de aula. Ganhou sentido também a premissa de que toda ação só se concretiza na apropriação e transformação, pelo coletivo. Assim, o processo formativo em Educação Ambiental situa-se como um processo inserido num projeto de sociedade mais amplo, que visa promover a sustentabilidade humana.

Todos os processos formativos desencadeados pelo projeto EA e QV congregavam a dimensão da mobilização social, evidenciando alguns pressupostos teórico-metodológicos:

a) A dimensão ambiental da educação escolar. Tendo em vista que a Educação Ambiental não é uma disciplina nova no currículo, é fundamental que as práticas geradas no interior da escola envolvam todos os seus integrantes e estabeleçam uma relação com a realidade em seu entorno. O debate ampliado da educação no contexto das questões ambientais, tendo como referência os direitos humanos⁵, possibilita a promoção de uma nova (outra) ética humana na escola e na sociedade, fundadas na solidariedade, na eqüidade de gênero, na igualdade racial, no respeito às diferenças, enfim, na inclusão social, possibilitando aos excluídos o direito de sonhar e transformar o sonho em utopia possível, com ações concretas no âmbito da escola, para que cada sujeito perceba a sua parcela de responsabilidade na construção dessa nova realidade, com desenvolvimento de competências e habilidades teórico-práticas para compreender o sentido de ser e estar no mundo.

b) A força das práticas pedagógicas coletivas e da participação efetiva dos sujeitos: Para iniciar o processo, identificamos e reconhecemos os projetos e as ações que já se encontravam de alguma forma em curso nas escolas, ouvindo muito o que educadores e educadoras realizavam e o que apresentavam como dificuldades, ou até mesmo como resistência à idéia de inserção da Educação Ambiental em suas práticas docentes cotidianas. Um fator dessa resistência são as poucas referências sobre práticas educativas ambientalistas no contexto escolar. Alguns até são sensíveis à questão e se desdobram para realizar atividades com seus alunos na Semana de Educação Ambiental, mas têm dificuldade para dar o salto no sentido de incorporá-la como prática permanente de mudança de atitudes, de cuidados com o meio ambiente. Somente ações coletivas articuladas dentro e fora da escola serão capazes de transformar essa cultura predatória de não cuidado ambiental numa cultura de sustentabilidade humanizadora, que precisa ter desdobramentos na família e na comunidade.

A inclusão de atividades mais amplas, como a "Caminhada pela Paz", que envolveu 17 escolas da área e gerou um GT responsável em estimular a mobilização em torno do problema da violência, oportunizou

⁵ já na concepção da Plataforma DHESC: direitos humanos econômicos, sociais, culturais, e ambientais (este acrescentado por nós)

maior integração do conjunto das escolas, pois incentivou a participação de pais e mães, ampliou a relação da escola com a comunidade, integrando práticas educativas que evidenciaram a necessidade de políticas públicas e pressionaram os órgãos responsáveis pelo saneamento e segurança pública da cidade. A ação mobilizou mais de 10 mil pessoas das comunidades do Tucunduba, com forte presença de todas as escolas, marcada por meio de cartazes, faixas e relatos de experiências de como enfrentar a violência pela cultura da Não Violência. A caminhada integrou os públicos beneficiários diretos do PROSEI, do planejamento à execução das atividades, tanto formativas quanto das experiências demonstrativas por parte das escolas. Essa socialização é a garantia aos sujeitos da apropriação de conhecimentos e da efetiva implementação de ações que alterem as condições de vida das pessoas e possibilitem o desenvolvimento de uma outra cultura de democracia participativa, com a vivência da co-responsabilidade e da prática do diálogo.

c) A escola como um dos agentes de transformação social. As temáticas trabalhadas envolveram uma discussão entre a prática cotidiana do público-alvo com os pressupostos teóricos da Educação Ambiental, entendendo-a como uma mudança de postura diante dos problemas que nos cercam, refletidas como práxis pautada na ética, no respeito e na solidariedade. As escolas, com todos os seus limites, gerados por uma cultura institucional burocrática e conservadora, também gera e/ou aproveita as oportunidades de se reconstruir. Os processos formativos vividos no interior da escola, viabilizando encontros e debates com a participação de todos os segmentos, favoreceu o diálogo e trouxe elementos novos para uma reflexão crítica sobre seu papel e sua função social: a escola pública ainda é um espaço de democratização do saber e da formação cultural das novas gerações, principalmente daquelas com forte tendência à exclusão pelas condições sócio-econômicas. O projeto da Educação Ambiental fez emergir nos debates, nesse espaço/tempo da escola, a esperança, a vontade de fazer, a criação de possibilidades, a busca de alternativas, a memória de tantas propostas feitas e desfeitas, a crença na utopia, *de forma a alcançar uma consciência planetária que não é apenas a de compreender, mas também sentir e agir de forma integrada a relação ser humano / natureza* (Guimarães: 1995, 39).

d) Entender a Educação Ambiental como um novo paradigma da convivência humana. A abordagem metodológica foi teórico-vivencial, a partir de um tema gerador representativo das questões ambientais no âmbito da escola e da comunidade em seu entorno. Buscou-se sempre a compreensão que cada participante tinha do significado de ser e estar no mundo, da sua função na escola, na família, na comunidade. Para tanto, estudos teóricos, dinâmicas de grupos, expressão corporal, painéis integrados, sessão de vídeos, visitas em toda a área, passeio pelo rio Tucunduba com registro fotográfico, leitura, produção e interpretação de textos sobre o tema, exposição oral e debates foram usados para possibilitar a ampliação do conceito de EA e a relação do local com o global.

e) Compreender que toda experiência produzida no interior da escola tem que estar inserida no seu projeto político-pedagógico. Compreender a escola como espaço privilegiado de socialização de conhecimento e mudança de atitudes requer uma ação articulada no planejamento, monitoramento e práticas avaliativas. Os projetos desenvolvidos pelas escolas, com assessoramento do PROSEI, envolveu do(a) gestor(a) ao porteiro, a coordenação pedagógica, o(a) servidor(a), pais e mães dos(as) alunos/as e os próprios alunos. Muitos projetos não traziam em seu bojo ineditismo, mas uma nova postura de enfrentamento diante de um velho problema. Recorreu-se ao escritor amazonense Thiago de Melo: "não tenho um caminho novo, o que tenho de novo é o jeito de caminhar". A partir dessa constatação, procurou-se juntar todos os segmentos para pensar a escola no seu todo: como queremos e o que pode ser feito para transformar a nossa escola numa escola mais produtiva, humanizadora e acolhedora? Que ações e atitudes podem ser tomadas para que esse projeto se realize?

Foi providencial tomar como referência o projeto-político pedagógico da escola, refletir sobre o seu papel na representação da missão institucional e, a partir dele, problematizar as práticas cotidianas levando em conta todas as suas dimensões: curricular, pedagógica, administrativa, gestora, de atendimento ao público, as quais devem ser percebidas e compreendidas por todos, de forma articulada, interligada. É claro que esse processo não foi tranquilo porque, em geral, em muitas escolas, o projeto político-pedagógico é visto como um documento burocrático para poder ter acesso a recursos externos e/ou para atender à solicitação ou imposição das Secretarias de Educação. Poucas pessoas da escola tinham clareza do seu uso e importância e outras até desconheciam se a escola já possuía um projeto político-pedagógico. Entretanto, muitas escolas se sentiram motivadas e aceitaram esse desafio.

É importante verificar que os caminhos percorridos pelo projeto Educação Ambiental e Qualidade de Vida mesmo num curto espaço de tempo, (um ano e meio) conseguiram, no contexto das escolas do Tucunduba, envolver todo o coletivo da escola, indicando perspectivas no enfrentamento das questões sócio-ambientais. Existem evidências de mudanças na dinâmica escolar através de um movimento há muito comprometido com a qualidade da educação ao qual foi incorporado a contribuição da Educação Ambiental. Nesse sentido, as atividades realizadas pelo projeto EA e QV, conforme escreve Rubem Alves (1999:11) "*Semeou sementes de esperança. Plantou em seus discípulos suas esperanças*".



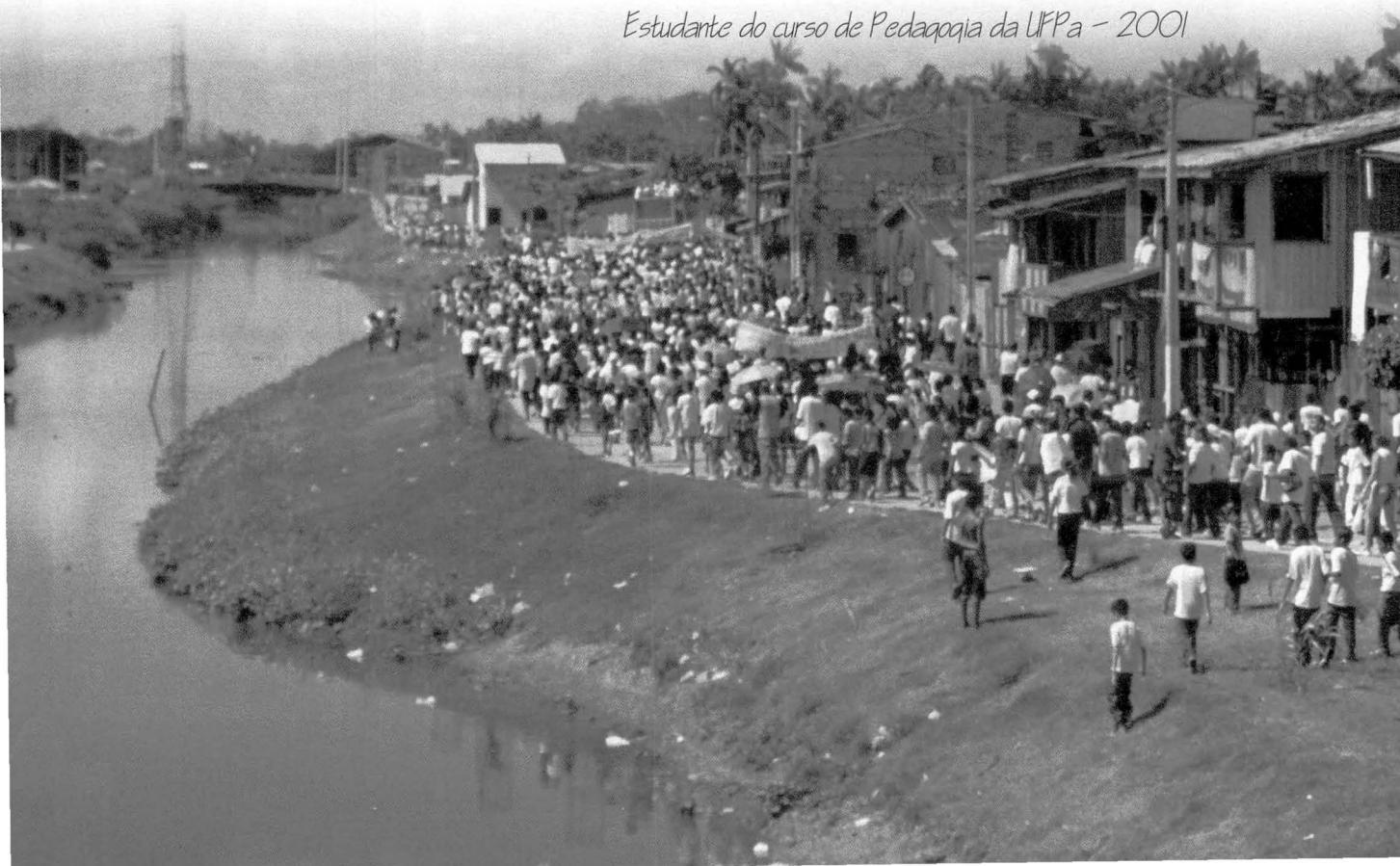
RIO TUCUNDUBA

O rio corre e percorre
Os caminhos da dor e da fé
Da infância delinqüente
E da criança inocente
Do adulto desempregado
Do jovem trabalhador
Do lixo, do caos, da miséria.
Da esperança de vida sem dor
Corre em palafitas
Crianças, tantas, despidas...

Doentes, carentes, inocentes.
Clamando ajuda da gente
Quem dera que a noite
Troupesse a paz e não a violência
Que a chuva, confortáveis momentos,
E não grandes alagamentos
O rio corre e percorre
A vida é dura
mas não há o que faça
a esperança sumir.

Rene Farias

Estudante do curso de Pedagogia da UFPa - 2001



3. DIAGNÓSTICO SÓCIO-AMBIENTAL: O ESTUDO DA REALIDADE COMO FUNDAMENTO PARA O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS E AS INTERVENÇÕES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Conhecendo a realidade do entorno das escolas para melhor compreendê-las.

Na realização da pesquisa sócio-antropológica do entorno, a escola procurou captar, através de determinados instrumentos de pesquisa, elementos de natureza social, política, econômica, cultural e ambiental que fossem significativos dentro da rede de relações dos grupos sociais e do contexto pesquisado, visando identificar temas em torno dos quais a escola pudesse mobilizar a comunidade escolar para uma ação efetiva de renovação, os chamados temas geradores. Tema gerador é um fenômeno significativo relacionado à percepção que um determinado grupo social possui acerca do contexto onde está inserido. Assim, os temas geradores são portadores de uma concepção de conhecimento que perpassa por relações que se estabelecem entre sujeitos, contexto, cultura e realidade que norteiam o processo de organização de conhecimentos que chegam até a sala de aula.

Nas pesquisas realizadas pelas escolas, foram identificadas e analisadas as falas mais significativas junto à comunidade, que direcionaram a escolha dos temas geradores. Assim levou-se em conta essa diretriz geral que motivou as primeiras atividades, reunindo o grupo-escola⁶ para melhor conhecer e debater os resultados da pesquisa.

De acordo com os registros de cada grupo-escola, os principais problemas detectados pela pesquisa foram violência, miséria, medo, insegurança, desemprego, falta de saneamento básico, com ênfase no problema do lixo e do tratamento inadequado da água, desestruturação das famílias pelas drogas e alcoolismo, responsáveis em muitos casos pela violência doméstica, enfim um quadro amplo de desrespeito aos direitos humanos.

Em diversos grupos a escola foi apontada como um dos espaços de integração e inclusão social, portanto, com um papel fundamental na minimização desses problemas.

Essa prática pedagógica a nosso ver, veio ao encontro dos acúmulos realizados pelo PROSEI, cuja dimensão sócio-ambiental desenvolvida pelo conjunto do projeto, se norteia pela definição da escola como uma comunidade de aprendizagem em Educação Ambiental e, para tanto, reconhece-a como um importante espaço, situado numa realidade concreta, com potencialidades variadas para desenvolver uma atuação educativa, na perspectiva da construção de um modelo de desenvolvimento local, no caso, da comunidade do Tucunduba, com a efetiva participação de todos os segmentos sociais, presentes na escola e seu entorno.

⁶ articulação de diferentes atores que compõem o cotidiano da escola: professores, servidores, técnicos, pais e mães de alunos e, em algumas escolas, os alunos.

Conhecendo as relações no interior das escolas através dos atores do grupo-escola

O chamado grupo-escola foi constituído com cerca de 30 integrantes em cada escola, participando das atividades formativas e de mobilizações na escola. A maior parte dos grupos já possuía um tempo de conhecimento e convivência entre si. Algumas características do grupo-escola, comuns na maioria das escolas, são marcadas pela:

- **externalização de sonhos individuais**, tanto na vida privada como na profissional, sonhos voltados para a perspectiva de adquirir a casa própria, de poder cuidar melhor da sua saúde, o desejo de ver filhos e filhas cursando um curso superior e a continuidade da sua profissionalização;
- **explicitação de expectativas**, questionando e, sempre que possível, identificando os problemas ambientais, inclusive de relações humanas por que passam as escolas, os quais precisam ser resolvidos, e de desejos de que as direções das mesmas encaminhem de forma coletiva e democrática as questões do cotidiano;
- **explicitação de suas angústias e preocupações**, questionam a autonomia da escola nos encaminhamentos de ações que contribuam para a melhoria da qualidade do ensino;
- **heterogeneidade**, característica presente em qualquer grupo humano, foi mencionada sempre como fator imprescindível para as interações entre toda a comunidade escolar: diferentes ritmos, comportamentos, experiências de vida, trajetórias pessoais e profissionais, contexto familiar, valores e níveis de conhecimento de cada um(a) imprimem ao cotidiano escolar, nos vários níveis, a possibilidade de troca de repertórios, de visão de mundo, confrontos, ajuda mútua e, consequentemente, ampliação das capacidades individuais e da escola como um todo.

Algumas falas dos participantes dos grupos-escola ajudaram a compreender melhor as dificuldades existentes nas escolas:

"Precisamos valorizar nossas relações de grupo, pois se aprende mais na relação social";

"Para que as atividades ocorram na escola é necessário passar pela direção da escola, pois de outra forma não acontece";

"Há necessidade de mobilizar o Conselho Escolar para participar dos encontros na escola, ele fica muito isolado";

"Precisamos socializar o projeto político-pedagógico com a comunidade e também dentro da escola" ;

"O trabalho de Educação Ambiental não pode avançar na escola se não enfrentarmos os problemas de relações humanas e de comunicação".

Preparando o percurso formativo dos grupos-escola através das oficinas.

Com base nas falas dos seus integrantes, nas observações e entrevistas do educador responsável pelo projeto de Educação Ambiental na escola, foi sendo construído o plano de formação e dentro dele as atividades que provocassem o debate em torno das questões sócio-ambientais identificadas na pesquisa do entorno e nas falas da escola.

Nos processos de formação em Educação Ambiental, as oficinas constituíram-se em importantes momentos teórico-práticos, com duração variada, abordando temas específicos de acordo com as demandas do grupo-escola e incluindo atividades práticas realizadas por cada professor(a), servidor(a) ou ainda pelas técnicas das escolas. Em geral, estiveram sob orientação de um formador ou formadora permanente, acompanhadas por momentos de reflexão e aprofundamento teórico desses temas, com uma metodologia que possibilitasse a resolução prática de problemas ambientais localizados na escola. As oficinas foram estruturadas em vários tipos de abordagem privilegiando as vivências dos grupos-escola, os trabalhos em grupo, entre outros.

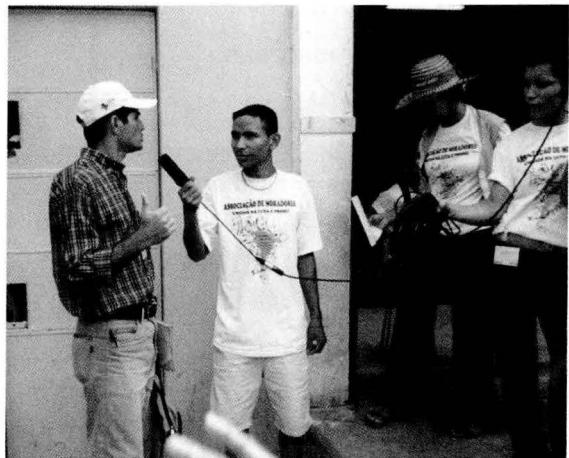
Dante dos problemas ambientais identificados pela pesquisa e aqueles levantados durante as atividades formativas, buscou-se relacioná-los com eixos temáticos que dessem significado às necessidades e propostas de intervenção e que pudessem privilegiar uma relação de maior equilíbrio com o meio ambiente e a melhoria das relações interpessoais na escola. Os temas mais recorrentes nas oficinas foram Educação Ambiental, Desenvolvimento e Sustentabilidade do Tucunduba, entre outros.

Os participantes das oficinas escolhiam uma situação concreta vivida ou observada e apresentavam os resultados em forma de denúncia e/ou proposição, utilizando diversas linguagens: poesia, teatro, música, telejornal, programa de rádio, como a seguir estão relatadas.

Oficina 1: JORNAL DIÁRIO DA TV TUCUNDUBA “ALERTA POVÃO”

Objetivo: Provocar a reflexão sobre a co-responsabilidade dos moradores na situação de degradação ambiental da área, assim como a ausência do poder público e a tomada de posição.

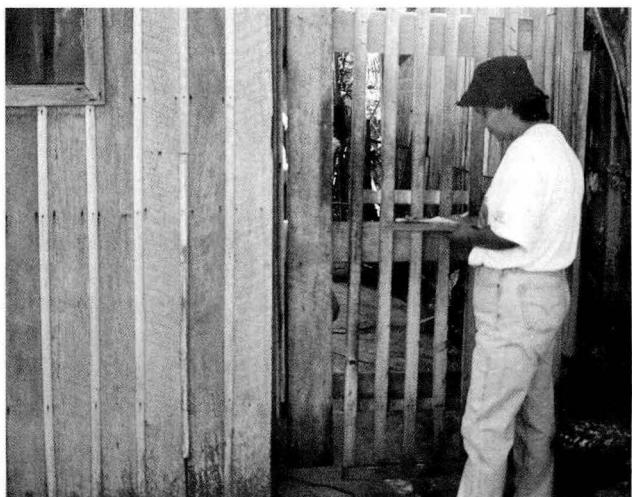
Esta atividade consistiu na representação de uma reportagem de televisão sobre um fato corriqueiro em dias de chuva: a enchente do igarapé, provocando alagamento das ruas, acúmulo de lixo e muito carapanã. Um repórter servindo de âncora chama outro que está no local da enchente entrevistando os moradores sobre os motivos do alagamento. As respostas acabam por revelar a cultura da população com o destino do lixo, quase sempre dentro do igarapé, o péssimo saneamento da área e a falta de esgotos sanitários. No final o repórter pergunta aos moradores o que pode ser feito, e a resposta vem que é da articulação entre comunidade e o poder público e que há necessidade de investir em políticas públicas e na Educação Ambiental da população.



Oficina 2: CONHECENDO MELHOR A ÁREA ATRAVÉS DA PESQUISA-AÇÃO

Os objetos da Pesquisa

Despertar e estimular a consciência da população para os problemas ambientais da área e a busca de soluções pelos próprios moradores e moradoras, num trabalho de parceria entre diversas ONGs, a Universidade Federal do Pará, Prefeitura Municipal de Belém, órgãos públicos e a comunidade, no intuito da melhoria da qualidade de vida das pessoas residentes na área do Tucunduba,



Os problemas detectados

- O mau tratamento dado ao lixo (ausência de coleta);
- Ausência de limpeza do esgoto;
- As doenças causadas pelo acúmulo de lixo;
- Moradores e moradoras desinformados(as) acerca desses problemas.

As soluções apontadas

- Recolhimento do lixo pelo órgão público responsável;
- Campanha de conscientização através do uso de panfletos, peças teatrais, entre outros, para não jogarem lixo no rio, ressaltando a preservação ambiental e sua importância para esta e futuras gerações alcançarem a melhoria das condições de vida;
- Parceria entre os órgãos públicos e a comunidade para a concretização de algumas medidas na área, com vistas a melhorar o aspecto físico da mesma;
- Distribuição de sacos para coleta de lixo de forma seletiva, isto é, separando o lixo orgânico do lixo plástico, latas, vidros, etc.

Oficina 3: O RAP DO TUCUNDUBA

Objetivo: Contribuir para despertar a consciência sócio-ambiental, utilizando a música em forma de "rap" sobre o meio ambiente.

Esta atividade, produzida pelos participantes, procurou levar em conta a importância da participação da criança no cuidado com o lixo e a conservação da limpeza do ambiente em que vive. Se cada ser humano aprendesse a conviver de forma sustentável com seu entorno desde criança, a consciência sócio-ambiental da família, da escola e da comunidade estaria mais aguçada. A escolha do tipo de música usada pelo grupo também foi uma forma de motivar os(as) jovens nessa mobilização. A mensagem é que se todos e todas interagirmos neste tipo de proposta, com certeza alcançaremos os nossos propósitos.



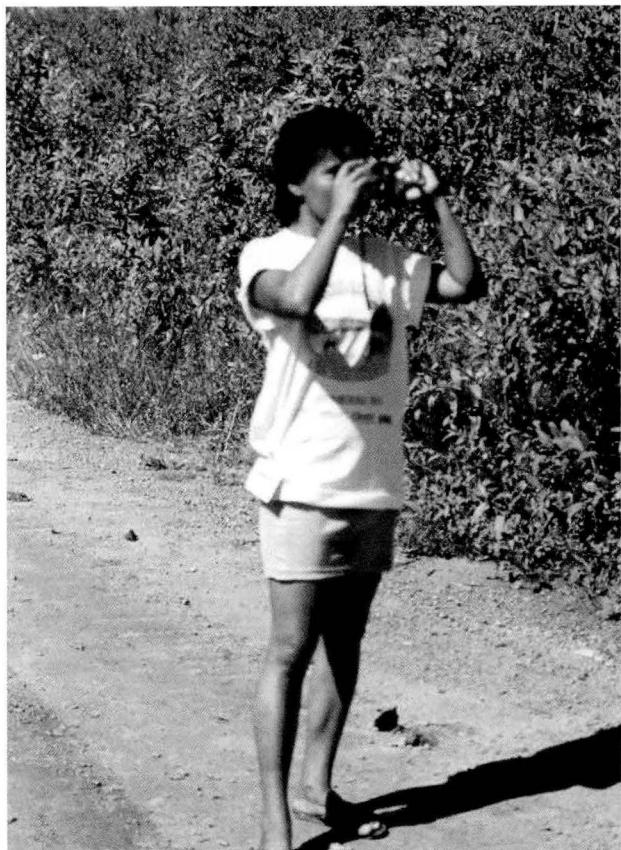
Atenção criancada	Você pode ajudar
Se ligue na parada	Você pode conservar!
Não joque no canal (rio)	A coleta do lixo
O que pode reciclar	Vai passar (bis)
Olhe ao seu redor	Não fique de fora
E fique atento	E una-se a nós, agora!

Oficina 4 : O FATO e a FOTO (O crescimento da violência no bairro)

Objetivo: Refletir sobre os crescentes níveis de violência que vêm sendo cometidos por adolescentes nos centros urbanos e na área do Tucunduba. O que está por trás da fotografia?

Esta atividade foi apresentada em forma de teatro interativo e buscava denunciar a falta de segurança pública, a ausência de postos de trabalho e a ociosidade dos jovens estimulando os assaltos, a formação de gangues e o aumento da violência na área. As cenas refletem a prática de um assalto feita por dois adolescentes que estavam cheirando cola e que decidem roubar a bolsa de duas senhoras que entram no bairro. Uma delas pede socorro e grita pela polícia, que não chega. Ela tenta evitar o assalto e é assassinada por um dos jovens.

Enquanto isso uma fotógrafa vai registrando mais um trágico acontecimento, uma cena, infelizmente, cada vez mais comum na área do Tucunduba.



Oficina 5 : A REALIDADE ONDE VIVEM NOSSAS CRIANÇAS

Objetivo: Refletir sobre as dificuldades enfrentadas por nossas crianças, adolescentes e jovens e o que os(as) educadores(as) podem fazer para ajudá-las a superar.

A realidade de nossas crianças e adolescentes residentes na área do Tucunduba é dramática. Cada educador e educadora tem que ter consciência disso para não discriminá-la ainda mais, contribuindo para o seu processo de exclusão dentro da própria escola. Por isso o grupo decidiu apresentá-la em forma de poesia, pois apesar da realidade perversa e excludente, há sempre a esperança de que se possa transformá-la.

ELAS...

Passo todos os dias por elas,
em horários, climas e com pessoas diferentes,
Ainda está chovendo e a imagem fica embaçada,
Quando me afasto, vejo de longe
uma criança de vermelho
Correndo na chuva,

Entre palafitas, valas e córregos,
Lama e lixo,
O tempo está completamente nublado
E a garoa não cessa
Deixando a cena ainda mais triste.
(Glauce Patrícia Santos)



Oficina 6: COMPREENDENDO O CONCEITO DE SUSTENTABILIDADE

Objetivo: Refletir sobre o tema, suscitando o debate a partir de uma abordagem sobre o modo de vida dos(as) participantes em relação à família, às outras pessoas, ao trabalho, à natureza, entre outros.

Esse tema foi trabalhado em um encontro com todos os formadores do Projeto EA e QV e começou com uma dinâmica de integração conhecida como “o nó humano”, que retratou, entre outras coisas, o trabalho coletivo e, com isso, a necessidade de saber ouvir e respeitar o outro para se resolver problemas, que se tornam simples quando se pode contar com o coletivo. Num outro momento, foi trabalhado o poema “Ruas”, de Carlos Drummond de Andrade e o texto “Desenvolvimento Sustentável”, de Genebaldo Dias. Os dois textos foram provocativos para a discussão em pequenos grupos, sobre os modos de vida em diferentes lugares e grupos sociais. A maioria do grupo-escola mora nas proximidades do Tucunduba e as falas dividiam-se entre o repúdio àquele lugar e na imensa esperança de torná-lo um espaço mais agradável. O que todos concordaram, após as reflexões sobre os textos, é de que muitas coisas dependem da sensibilidade e capacidade de mobilização de cada pessoa.

A turma organizada em grupos pôde representar à sua maneira o que entendeu sobre Sustentabilidade. Um grupo organizou em cartolinhas as idéias que seus integrantes concluíram: “Saber cuidar de si mesmo(a) e do próximo”, “Entender o homem como ser integrado à natureza e à vida”, “É utilizar os bens da natureza de forma responsável, sem destruí-la” e “Formação do espaço estratégico e comunitário de Educação Ambiental”. Outro grupo expressou seu entendimento, produzindo uma bonita paródia de “Cidadão” (Zé Geraldo) sobre o Tucunduba:

“Tá vendo o Tucunduba, moço,
Não dá mais para nadar
Ele está sujo de lixo
Muito entulho, muito risco
Muita gente pra sujar
Está faltando consciência
Educação e sapiência
Para a vida melhorar”

E outro grupo chegou às seguintes conclusões sobre o desenvolvimento sustentável:

- Promover o desenvolvimento econômico com justiça social e sustentabilidade ecológica;
- A chave para o desenvolvimento sustentável é a participação, a organização, a educação e o aumento de poder das pessoas;
- Significa aprender a ver o quadro global que cerca um problema específico, sua história, seus valores, percepções, fatores econômicos e tecnológicos e os processos naturais ou artificiais que o causam e que sugerem ações para saná-lo.

Oficina 7: COMPREENDENDO OS SIGNIFICADOS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Objetivo: Construir um consenso mínimo acerca da Educação Ambiental através do estudo e debate sobre dois conceitos que estão muito presentes: Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental.

Para isso, foi desenvolvido um trabalho a partir da contribuição de uma ambientalista do IPAM⁷. Após a exposição, reflexão e debate se construíram alguns pressupostos que foram sendo inseridos no projeto EA e QV:

Educação Ambiental: é agir preventivamente através de cuidados com a natureza para possibilitar, preservando, uma boa qualidade de vida e um ambiente saudável;

- É a plena consciência da importância do meio, procurando valorizar os recursos naturais (água, ar, vegetais e animais) e tudo o que torna o nosso viver saudável;
- É a forma de despertar homens e mulheres para a exploração racional dos recursos naturais, de como lidar com a natureza, de conscientizar a humanidade dessa estreita relação entre ser humano e natureza e que a relação pode ser harmoniosa;
- É o uso de diversos meios e instrumentos educativos utilizados no sentido de questionar e propor mudanças de valores, hábitos e construção de um novo conceito sobre a relação humana com o ambiente, na perspectiva de uma nova consciência individual e coletiva, promovendo o desenvolvimento, o progresso, levando em consideração as biodiversidades e os ecossistemas;

Desenvolvimento Sustentável:

É o respeito incondicional pela vida;

É criar recursos da própria natureza para sobreviver de forma produtiva e sustentável;

É aquele que não gera apenas o crescimento econômico de um país, estado, vila, mas principalmente procura manter o meio ambiente preservado, de onde se extraem os produtos ou as matérias primas para a produção da riqueza econômica. O desenvolvimento sustentável se preocupa, acima de tudo, em manter as condições necessárias para a manutenção da qualidade de vida de homens e mulheres e das espécies animais e vegetais que habitam o meio, procurando dessa forma não agredir o meio em que se vive, e preservá-lo também para futuras gerações;



⁷ Instituto de Pesquisas Ambientais na Amazônia

“O ser humano pode modificar,
transformar seu espaço físico,
pode alterar o ambiente ecológico,
mas não o pode recriar
já que, em certa medida, é independente dele.
Ao contrário, pode e deve recriar e revolucionar
o mundo sócio-cultural já que é fruto
de sua própria atividade histórico-cultural.

O ser humano,
sendo um complexo de ação-reflexão-ação,
pode participar, consciente e historicamente,
da recriação de seu mundo sócio-cultural.
Esta recriação faz parte, inclusive,
da enorme tarefa
de humanização da sociedade”.
Paulo Freire (1979)



4. A CONSTRUÇÃO CURRICULAR A PARTIR DOS TEMAS GERADORES E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Os grupos-escola de Educação Ambiental do PROSEI organizaram a prática pedagógica de suas intervenções adotando uma concepção de currículo integrado como marco para repensar a organização do conhecimento na escola, de forma a **incentivar nos sujeitos da comunidade escolar a pesquisa, a partir dos problemas relacionados com situações da vida real**, realizando ações que efetivamente possibilitem um novo processo de desenvolvimento sustentável, utilizando conceitos trabalhados pela Educação Ambiental.

Esta formulação contrapõe-se a experiências fragmentadas que impedem uma visão de totalidade e aponta para o que vem sendo denominado como currículo integrado, o qual pretende organizar os conhecimentos escolares a partir de grandes temas problemas, permitindo não só explorar campos de saber tradicionalmente fora da escola, mas também ensinar aos alunos e demais segmentos envolvidos nos processos formativos, uma série de estratégias de busca, ordenação, análise, interpretação e representação da informação que lhes permitirá explorar outros temas e questões de forma autônoma, mesmo considerando a sua complexidade.

Assim, o papel do currículo, entendido como expressão da concepção de homem e de sociedade, não deve ser concebido como elemento neutro de simples transmissão do conhecimento historicamente produzido, mas tem que ser problematizado a partir das relações sociais e culturais onde foi gerado. O currículo integrado, estabelecido a partir da Educação Ambiental, se constitui como um articulador que possibilita dar sentido (compreender) à realidade e gerar novos conhecimentos advindos das experiências substantivas de aprendizagem dentro e fora da sala de aula. Isso significa interessar-se pelas diferentes versões dos fenômenos, por suas origens e pelas busca das forças (os poderes) que criaram as interpretações, descobrindo sua coerência. Para compreender melhor essa teia de relações que se materializa na escola e interfere na produção de novos conhecimentos, assim como suas ramificações na comunidade, optamos por trabalhar com a idéia de rede.

A metáfora da “Rede” como estratégia para organizar um currículo integrado.

Rede tem o significado de entrelaçamento de fios com aberturas regulares, formando uma espécie de tecido. Nas organizações curriculares propostas vão sendo inseridos, permanentemente, espaços e tempos/ componentes curriculares, que por uma história dominante, vão mantendo e adquirindo a identificação de *disciplina*, mas na verdade, melhor se caracterizariam como *campos de estudo e prática*, informados por uma trama tecida de múltiplos conhecimentos prático-teóricos, que se relacionam complexa e transversalmente.

Tudo isso popularizou um termo/metáfora – “rede” -, hoje, no âmago de uma nova forma de tecer o conhecimento, em todas as áreas de atividades humanas, das ciências aos movimentos sociais, do mundo do trabalho à comunicação social e, no nosso caso, à Educação Ambiental, como podemos perceber todos

os dias. O desafio está na capacidade que temos de mobilizar forças para identificar esse processo e de nele atuar mais agilmente – *navegando, surfando, pirando* – mas, sobretudo, de bem caracterizá-lo e de poder decidir a favor de quem ele vai ser desenvolvido.

Trata-se, assim, de dar à prática a dignidade de fatos culturais e de *espaço/tempo de tessitura* de conhecimentos que não poderiam ser tecidos da mesma maneira como são os da ciência, mas que são tão importantes para os homens e as mulheres, como os outros conhecimentos que tecem. Afirma Nilda Alves (2002, pág.18):

A multiplicidade e a complexidade de relações, no caso da escola, entre cotidiano, conhecimento e currículo, exige, de início, a incorporação das idéias de redes de conhecimentos e de tessitura do conhecimento em rede, na compreensão de que estamos permanentemente imersos em redes de contatos diversos, diferentes e variados nas quais criamos conhecimentos e nas quais os tecemos com os conhecimentos de outros seres humanos.

No caso do Projeto de Educação Ambiental e Qualidade de Vida, pensamos a noção de “rede” centrada na exploração de “idéias chave” para levar à prática de tecer um currículo integrado e provocar uma sinergia entre diferentes atores sociais, articulados em torno de um tema gerador. A Educação Ambiental, supõe organizar o currículo a partir de questões que transcendem a uma disciplina e que se definem a partir do próprio conhecimento especializado das disciplinas, o que implica em responder a perguntas do tipo: quais seriam as idéias chave para aqueles que investigam no campo da Biologia, da História, dos Movimentos Sociais? Essas idéias chave atuariam como reflexões e interpretações que, por sua vez, seriam os temas objetos de pesquisa desenvolvidos pelo(a) aluno(a).

Assim, partimos para a construção da rede de cada escola, alcançando uma leitura detalhada sobre quais os temas necessários a serem trabalhados pela escola. Esse movimento ficou assim registrado: na construção das redes temáticas, optamos pelo trabalho com projetos de intervenção, pois as mudanças “dentro” e “fora” da escola devem ser associadas, não como uma metodologia, mas como uma concepção pedagógica, suscitando a compreensão dos sujeitos sobre os conhecimentos que circulam na comunidade escolar e fora dela, ajudando-os a construir em sua própria identidade.

Diante desse desafio, não poderíamos depositar nos projetos das escolas a responsabilidade de ser a solução para os problemas da instituição escolar nem para tudo o que a sociedade define como responsabilidade da escola, mas também não enfrenta fora dela (desigualdades, racismo, discriminação...). Sendo assim, os projetos das escolas baseados nas problemáticas apontadas nas redes e embasados na Educação Ambiental, podem vir a ser uma estratégia que permita:

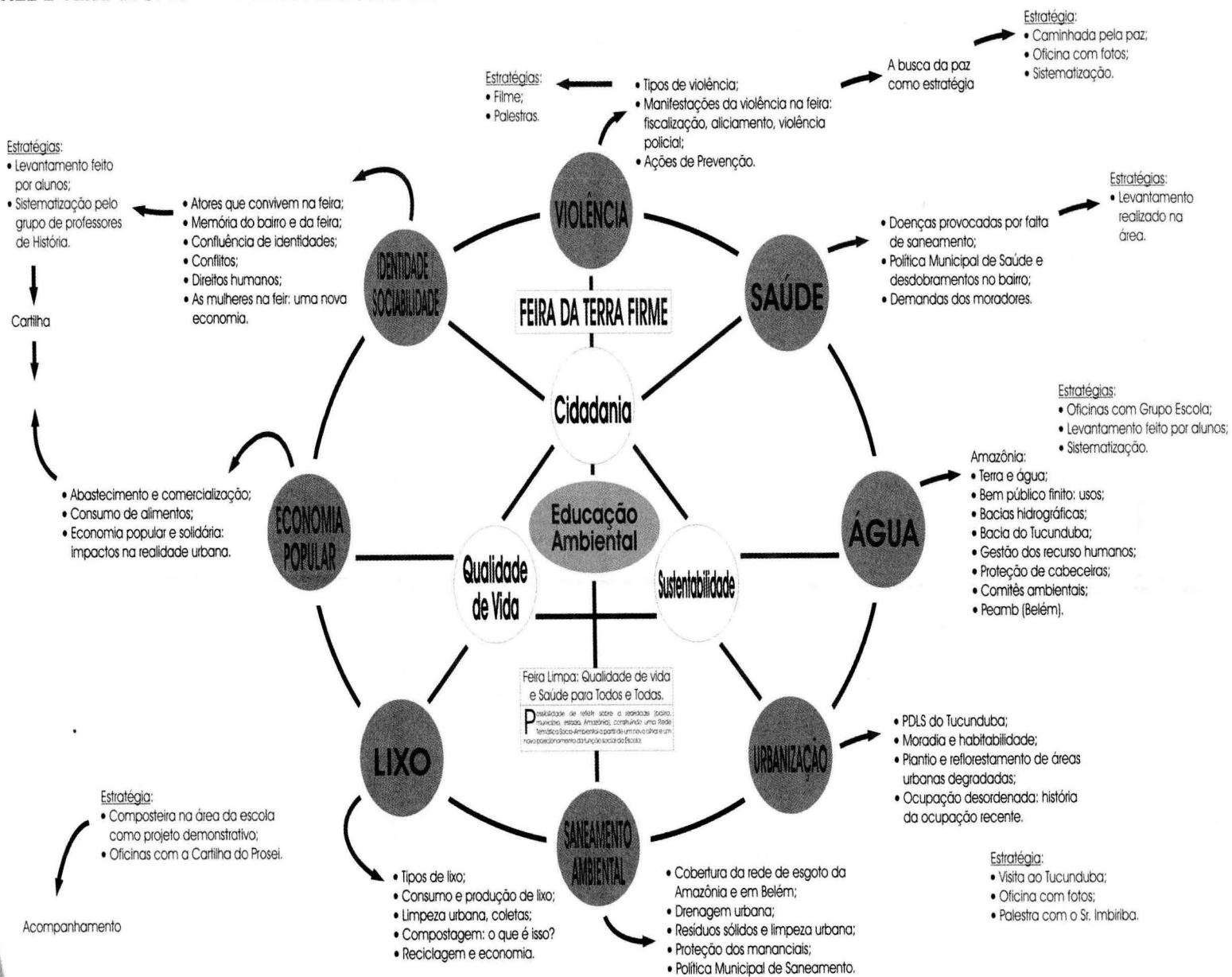
Aproximar a identidade dos sujeitos da comunidade escolar e favorecer a construção de sua subjetividade, afastada de um prisma paternalista, gerencial ou psicologista;

Revisar a organização do currículo por disciplinas e buscar a melhor maneira de estabelecerlo no tempo e no espaço escolar;

Resgatar ações e fatos ocorridos fora da escola, relacionando-os às transformações derivadas da imensa produção de informação que caracteriza a sociedade atual e que torna necessário aprender a dialogar de uma maneira crítica com todos esses fenômenos.

Para exemplificar essa estratégia, apresentamos a seguir a rede temática construída pelo grupo da escola Stellina Valmont a partir da pesquisa do entorno e da problematização sobre seus resultados.

REDE TEMÁTICA DA ESCOLA STELLINA VALMONT



As redes temáticas e os processos formativos, constituídos em reflexão permanente com os formadores que atuavam diretamente com os grupos-escola, permitiram compreender, através das análises das práticas cotidianas, que as escolas são instituições complexas, inscritas em círculos de pressões internas e, principalmente externas, nas quais com freqüência as possibilidades de inovação ficam presas na teia de aranha das modas. A visão construtivista sobre a aprendizagem exerce uma poderosa influência na forma pela qual cada pessoa adquire um novo conhecimento. O que pretendíamos era contribuir com a escola para a formação de um sentido de rede da cidadania que favorecesse o diálogo crítico, a fim de saber de onde procedem às visões de mundo que nos são oferecidas naquilo que estudamos e os valores e grupos que são legitimados e/ou excluídos nessas informações e visões. As circunstâncias sociais, culturais e históricas produzem formas de representação da realidade e dão respostas aos problemas, diferentes em cada contexto.

Os projetos de intervenção supõem, em nossos debates e experiências, uma abordagem do ensino que procura redefinir a concepção e as práticas educativas, dar respostas às mudanças sociais, às mudanças experimentadas pelos sujeitos da comunidade escolar, e não simplesmente readaptar uma proposta do passado e atualizá-la.

Os projetos, embora considerados uma metodologia vinculada a uma série de tradições educativas, presentes ao longo de todo esse século, também estão vinculados a movimentos renovadores, que propõem experiências diversas com os centros de interesses ou as unidades didáticas, desafiando a escola a resgatar sua função social, que é a formação de cidadãos e cidadãs conscientes de sua responsabilidade, na construção e vivência de novos paradigmas de civilidade e humanização.

Por tudo que experienciamos, esses projetos representam uma maneira de entender o sentido da educação e da função social da escola, o que implica na participação dos sujeitos em processos de pesquisa que tenham sentido para eles e nos quais tenham a oportunidade de usar diferentes estratégias de estudo; participarem no processo de planejamento da própria aprendizagem, ajudando os a serem flexíveis, a reconhecerem o "outro" e a compreenderem seu próprio ambiente pessoal e cultural (e o dos outros). Tal atitude favorece a interpretação da realidade e o antidiogmatismo.

Os projetos realizados pelos grupos-escola, no percurso formativo da Educação Ambiental.

Com a decisão de trabalhar a Educação Ambiental através da Pedagogia de Projetos, o PROSEI, considerando a realidade de cada escola, contribuiu para a construção de projetos, elaborados pelos participantes de cada grupo escola, estabelecendo seus objetivos e metas para o trabalho, tendo como produto os resultados obtidos a cada encontro. Os temas iam se diversificando com base nas questões sócio-ambientais levantadas: água, saneamento ambiental, feira livre, tratamento do lixo, horta orgânica, entre outros.

Os objetivos traçados por grupo-escola refletem os debates que antecederam a sua elaboração: alguns voltados para a formação mais geral em EA e a busca de vivências transformadoras de uma cultura estabelecida, incentivando as iniciativas em curso na escola a serem mais visibilizadas e potencializadas; outros estão diretamente focados na necessidade de identificação e análise de problemas ambientais da área, na perspectiva de equacioná-los, com a participação da escola e da comunidade; há, ainda, os que apontam para metas de mudanças de atitudes e valores, assim como para a consolidação de um projeto interdisciplinar de EA na escola. Esses objetivos estão assim explicitados, nos projetos das escolas:

- Colaborar com a formação dos educadores participantes, tendo como tema central às discussões teóricas e ações práticas de EA, via o projeto político-pedagógico da escola, e vivenciar ações educativas sócio-ambientais com vistas à melhoria da qualidade de vida da comunidade escolar, na perspectiva de mudanças valorativas, relacionais e pedagógicas da escola. (**Escola Parque Amazônia**);
- Contribuir com a capacitação dos educadores e educadoras em Educação Ambiental, possibilitando aprendizagens e trocas de novos conhecimentos, valorizando e potencializando as iniciativas em curso na própria escola. (**Escola Stellina Valmont**);
- Propiciar ações educativas de cunho sócio-ambiental que possam desencadear relações equilibradas, mudanças de valores e atitudes visando a melhora de qualidade de vida, com impacto no processo de ensino-aprendizagem na comunidade escolar. (**Escola Celso Malcher**);
- Consolidar um projeto de EA na escola numa perspectiva interdisciplinar e sua inserção no currículo escolar. (**Escola Associação de Moradores da Terra Firme**);
- Criar estratégias que promovam maior envolvimento da comunidade escolar com os problemas de saneamento da área, no sentido de problematizá-los e equacioná-los. (**Escola Solerno Moreira**);
- Proporcionar situações que sensibilizem a comunidade escolar acerca do problema do lixo (coleta, destinação e reciclagem) sob uma visão ecológica, sanitária e social. (**Escola Edson Luís**);
- Promover ações que mobilizem a comunidade escolar para discutir e desenvolver atividades focadas no respeito ao meio ambiente e na sensibilização em relação ao tratamento das questões ambientais decorrentes do lixo, da água, do esgoto, da arborização e da drenagem. (**Escola Solerno Moreira**);
- Mobilizar a comunidade escolar para o problema de saneamento no entorno da escola que impede o acesso das crianças à mesma, trazendo a elas perigo de vida. (**Associação do Povo Carente**);
- Desenvolver atividades formativas com toda a comunidade escolar, incluindo pais e mães das crianças, tendo como tema central a questão do saneamento e o tratamento do lixo dentro e fora da escola. (**Associação Gabriel Pimenta**).
- Do conjunto de projetos realizados pelos grupos-escola, apresentamos dois, à título de ilustração, por retratarem temas que interferem em todas as escolas envolvidas no PROSEI:

Projeto 1 - Combatendo a Violência (experiência relatada pela Escola Municipal Parque Amazônia)⁸

Este é um projeto de parceria escola-comunidade para o enfrentamento do grave e alarmante problema da violência que a escola e sua vizinhança vêm vivenciando diariamente. A temática suscita múltiplos olhares e intervenções, visto que não tomaremos apenas a violência usualmente expressa como o assalto, mas todas as formas explícitas e não explícitas que presenciamos, a exemplo: a violência sonora, mídia, interpessoal, e tantas outras que são expressas pelo caminho simbólico.

A situação da violência precisa ser enfrentada por todos no sentido de sua problematização, aprofundamento e encaminhamento que possam contribuir para um convívio social tranquilo. Daremos um novo passo em busca da investigação e intervenção através da prática escolar e participação da comunidade na temática envolvida, uma vez que advém da mobilização de alguma situação concreta, de algum problema da realidade, para o qual se busca dar conta em suas múltiplas relações. Portanto, venha conosco participar dessa luta por qualidade ambiental, de saúde, educacional, político e cultural. Precisamos nos mobilizar para esse exercício que deve ser praticado diariamente por todos os cidadãos e cidadãs.

1.1. Buscando compreender as causas e os efeitos da violência, para então decidir a intervenção.

O projeto tem como objetivos:

Compreender as diversas dimensões que provocam atos violentos de forma global em nossa sociedade e particularmente na escola;

Caracterizar as várias matrizes simbólicas (autoritarismo, constrangimento, desrespeito, abuso de poder) que estimulam a violência;

Articular saberes teóricos e práticos na problematização de visões acerca da violência;

Elaborar e vivenciar ações educativas com a temática, de forma a subsidiar novas posturas, construção de valores e relações saudáveis na escola e na vizinhança;

Estimular a participação, colaboração e cuidado com o espaço físico da escola.

⁸ O texto do Projeto elaborado com a contribuição do formador Jorge Antônio Gama Santa Maria e da formadora Eliana Campos Pojo e das professoras Maria Raiunda Dias e Kátia Tavares, foi integralmente incorporado a este trabalho.

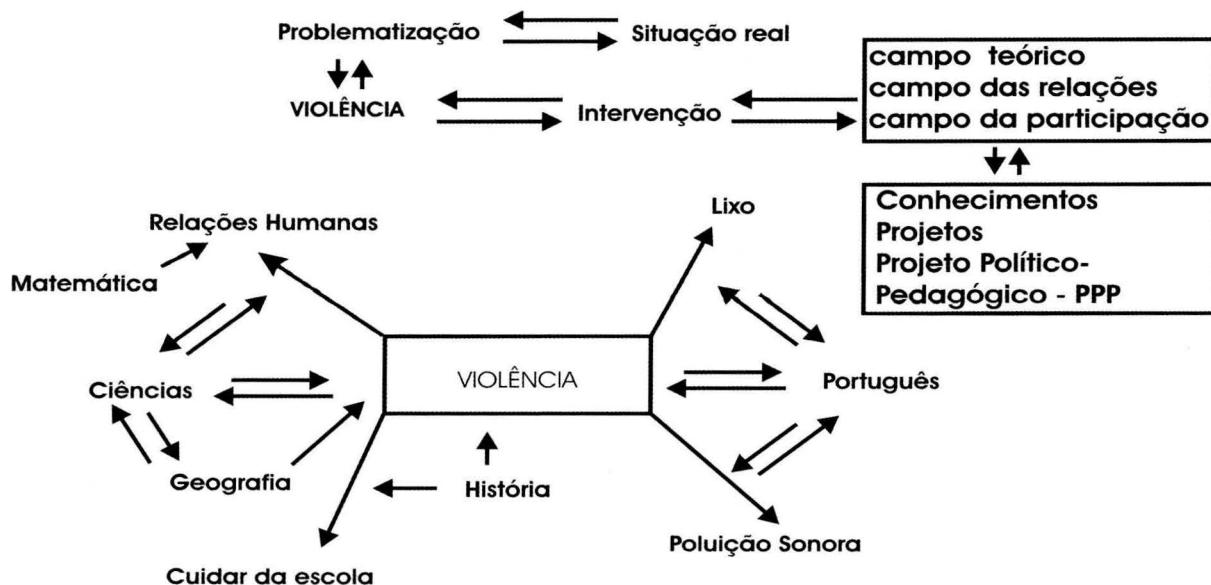
1.2 - Definindo caminhos através da Educação Ambiental.

Ações	Eixos	Atividades
<p>Programa de Educação Ambiental para a escola / comunidade Obs: Foi montado um grupo sistematizador e dinamizador para as ações da escola.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Lixo - Relações Humanas - Poluição - Higiene - Violência <p>Pressupostos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Parceria escola / comunidade - Trabalho coletivo - Sintonia com o PPP da escola 	<ul style="list-style-type: none"> - Socializar e avaliar o PPP da escola; - Debate para organização dos eixos da proposta de EA para a escola; - Cursos e palestras. Ações em andamento: - Mutirão - Organização da merenda - Gincana ecológica - Encontro de pais sobre o tema violência

1.3 -Articulando os caminhos da intervenção com o Projeto político-pedagógico da escola.

Eixo: a pesquisa enquanto princípio de construção, elaboração e investigação de saberes.

Possibilidades:



1.4 – Operacionalizando a rede de relações entre os caminhos traçados:

- Reunião com a comunidade escolar para elencar diretrizes de trabalho, tendo como fio condutor o currículo escolar;
- Organização de atividades pedagógicas nas turmas/ciclos e grupos de professores com temáticas específicas, utilizando diferentes linguagens;
- Aplicação de questionário acerca da violência sob o olhar dos alunos e da comunidade/pais, para subsidiar estudos posteriores;
- Divulgação e promoção de oficinas sobre reciclagem, lixo, cuidado com a escola.
- Trabalho em sala de aula para produção de textos, cartazes, desenhos, folders, cartilhas, grupos diversos;
 - Registro e avaliação das atividades desenvolvidas para alimentar o projeto em andamento;
 - Promoção de ciclos de debates com a temática na perspectiva de dinamizar as produções.

1.5 - Construindo estratégias para viabilizar a operacionalização das ações:

- a) Diagnóstica da realidade escola-comunidade;
- b) Pesquisa junto aos pais e alunos da escola com o tema Violência;
- c) Montar um calendário de mutirão: cuidar da nossa escola;
- d) Organizar um ciclo de debates com participação de alunos, educadores e comunidade;
- e) Ato solidário.

Roteiro do diagnóstico da realidade escola-comunidade.

O que pretendemos da escola, considerando sua realidade?

Como vemos os(as) alunos(as)?

O que podemos fazer para que o(a) aluno(a) se torne um(a) cidadão(ã) participante?

Por que os(as) alunos(as) vêm à escola?

O que faz uma aula ser interessante ou chata?

Como os alunos(as) vêem a escola?

Qual a expectativa em relação à função do(a) professor(a) da escola pública?

Como você percebe as relações das pessoas que cuidam da escola (professores, merendeira, servente, vigia, coordenação pedagógica)?

Quais as expectativas em relação ao corpo administrativo, pedagógico, funcionários, conselho escolar e associação de pais e mestres?

Qual a postura dos pais em relação à escola?

O Conselho Escolar é atuante? O que fazer para melhorá-lo?

Que tipo de ajuda mútua podem promover a escola e a comunidade?

A escola tem atividade de EA? É possível criar outras?

Como as questões ambientais são tratadas nas diversas disciplinas?

A comunidade tem possibilidade de dialogar sobre os cuidados e a organização da escola?

Para você o que é violência? E que tipo de relações geram violência?

Sugestões de integração entre a escola-comunidade.

Roteiro da pesquisa sobre o tema específico da Violência.

a) Para os Alunos(as):

- Qual a situação das carteiras e do quadro de giz?
- O que faz uma aula ser interessante ou chata?
- Existem plantas em todo o espaço da escola ou da vizinhança? Quem cuida delas?
- - Há rabiscos e pichações nas portas e paredes? Qual a situação dos banheiros? O que fazer para melhorar?
- Para onde vai o lixo produzido na escola? Ele pode ser diminuído? Como?
- Há algum tipo de desperdício de água, papel, energia ou alimento (merenda)?
- Tem barulho na escola ou na vizinhança? O que fazer para resolver o problema?
- Quais os danos do barulho?
- A escola tem atividade de EA? É possível criar outras?
- Como as questões ambientais são tratadas nas diversas disciplinas?
- A comunidade tem possibilidade de dialogar sobre os cuidados e a organização da escola?
- Para você o que é violência? E que tipo de relações geram violência?
- Como você percebe as relações das pessoas que cuidam da escola (professores, merendeira, servente, vigia, coordenação pedagógica)?

b) Para os pais e mães:

- Na sua opinião qual o principal problema da escola? Como posso contribuir para melhorar?
- Como você percebe as relações das pessoas que cuidam da escola (professores, merendeira, servente, vigia, coordenação pedagógica)?
- Como é sua relação com os funcionários que trabalham na escola (professores, merendeira, servente, vigia, coordenação pedagógica)?
- O Conselho Escolar é atuante? O que fazer para melhorá-lo?
- Tem barulho na escola ou na vizinhança? O que fazer para resolver o problema?
- Quais os danos do barulho?
- Há algum tipo de desperdício de água, papel, energia ou alimento (merenda)?
- Para onde vai o lixo produzido na escola? Ele pode ser diminuído? Como?

1.6 - Avaliando o percurso e identificando resultados.

Pelas práticas avaliativas implementadas pode-se compreender que se caracteriza como diagnóstica e processual, através dos registros de observação das diversas atividades, dentre as quais: freqüência, nível de participação, reuniões com pais, alunos e funcionários, culminância das atividades desenvolvidas.

Como o projeto tem apenas um ano, os resultados são parciais, mas já indicam algumas evidências de mudanças como a integração de ações, a busca do planejamento conjunto, a melhoria da relação professor-aluno.

A combinação de uma abordagem pedagógica do tipo colaborativa, com participação efetiva de todos os segmentos da escola, permite vislumbrar amplas perspectivas no processo de capacitação desses segmentos e formulação de estratégias para a continuidade e consolidação desse trabalho na escola.

Projeto 2 - REORGANIZANDO O ESPAÇO AMBIENTAL - (experiência relatada pela Escola Comunitária Gabriel Pimenta)⁹

O presente relato é resultado de uma ação de mobilização comunitária protagonizada pelo grupo-escola da Associação de Moradores Gabriel Pimenta, onde funciona uma escola conveniada com a SEDUC¹⁰, realizada com apoio do Projeto Sócio-Educativo Integrado - PROSEI, no primeiro semestre de 2004, tendo como eixo articulador à discussão de questões sócio-ambientais.

Nosso objetivo com este projeto foi mobilizar pais/mães, alunos/alunas e comunitários para a discussão dos problemas ambientais da escola e da comunidade, definindo-se como um propósito educativo, integrado ao Projeto Político-Pedagógico da escola.

Tal opção delineou-se na medida em que diferentes agentes educacionais da escola foram construindo uma visão mais abrangente, contextualizada e propositiva acerca da importância da Educação Ambiental para a qualidade de vida e sustentabilidade local.

Neste sentido, preparamos a escola como um espaço de formação sócio-comunitária, o que implica desencadear processos de formação e mobilização de diferentes setores sociais para que esses possam, coletivamente, atuar de forma consciente, crítica e participativa.

Partindo desses referenciais, os(as) professores(as) e funcionários(as) da escola realizaram uma pesquisa de entorno, cuja principal finalidade foi identificar o nível de degradação e ou conservação ambiental em que se encontrava a escola assim como o seu entorno.

2.1-Conhecendo a realidade do entorno da escola.

O resultado dessa pesquisa, feita pelos professores e direção, com o apoio do PROSEI, apontou que 70% dos moradores pesquisados identificaram como um dos maiores problemas ambientais do bairro a ausência de saneamento básico, aliado ao alto índice de violência que assola a comunidade, em forma de assaltos e vandalismo. A parte externa do prédio da escola é alvo da ação de pichadores, deixando-o com péssima aparência.

Essa deterioração do prédio escolar também foi identificada como um problema que a comunidade enfrenta, pois a escola é situada num terreno alagado, circundado por mato e lixo, que é depositado nesta área por moradores do local. Além disso, a parte interna não oferece um ambiente agradável para a permanência das crianças e professores(as).

A análise desses dados e de outros apontados pela pesquisa do entorno levou a escola a discutir um conjunto de estratégias que poderiam se transformar em propostas alternativas para a melhoria de condições de vida da população.

⁹ Organizado pelas professoras Maria Lindete Holanda, Creuza Martins Corrêa, Olinda Maria Guimarães - Outubro de 2004.

¹⁰ Secretaria Estadual Executiva de Educação.

2.2-Definindo estratégias para enfrentamento dos problemas detectados.

A realização de uma audiência pública foi a estratégia priorizada para o processo de mobilização dos(as) pais/mães de alunos(as) e dos comunitários residentes no entorno da escola. Esse evento foi planejado e coordenado pela escola e reuniu numa mesa de debates representantes de órgãos públicos como a Prefeitura Municipal de Belém, através da Secretaria de Saneamento, Secretaria Executiva de Educação do Estado do Pará e a Universidade Federal da Amazônia, juntamente com comunitários e pais/mães de alunos(as).

A audiência pública foi iniciada com apresentação do vídeo-documentário Agente Jovem II, produzido pelo Centro de Estudos e Práticas de Educação Popular (CEPEPO), com a participação de jovens de ambos os sexos, participantes das atividades de formação como Agentes de Educação Ambiental, numa parceria do PROSEI com o Centro Comunitário Unidos na Luta, do bairro da Terra Firme, no qual a linha quatro do PROSEI, desenvolve processos de formação de jovens como agentes de Educação Ambiental.

O vídeo, além de se constituir num recurso de sensibilização para a discussão de questões ambientais, denuncia a situação de vulnerabilidade e degradação ambiental em que se encontra a comunidade local.

O conteúdo do vídeo e a apresentação dos resultados obtidos com a pesquisa realizada pela escola constituíram-se em material pedagógico para o debate das questões sócio-ambientais a nível local, tendo sido a escola o espaço privilegiado para essa ação educativa.

2.3-Avaliando a estratégia e comemorando os resultados.

- O grupo-escola, que organizou o projeto e se mobilizou para operacionalizá-lo, avaliou que a audiência pública na Escola Gabriel Pimenta trouxe significativos resultados para a relação escola-comunidade, tendo a educação ambiental como eixo articulador. Dentre eles destacaram-se:
- O retorno da Secretaria Municipal de Saneamento ao local para realização de visita técnica preparatória para início das obras;
- A execução de serviços, envio de materiais permanentes, didáticos e de consumo pela SEDUC à escola, que por ser conveniada não estava recebendo, embora os alunos entrassem na estatística da Secretaria;
- Redução de quantidade de detritos depositados no terreno no entorno da escola, observada pelo aumento da fluidez da água no igarapé, reduzindo os alagamentos;
- Maior grau de entrosamento e satisfação entre os segmentos da escola e da comunidade.

A condução desse processo abriu caminhos para o estabelecimento de uma rede de relações sócio-comunitárias baseada na participação, organização e Educação Ambiental, em torno da produção de informação para a comunidade escolar e fora dela; continuar o processo de mobilização da comunidade para não acumular lixo na beira do rio; realizar uma feira cultural na escola, convidando os pais a se fazerem presentes; continuar implementando ações que alterem as condições e a qualidade de vida das pessoas, suscitando o desenvolvimento de uma nova cultura de participação e controle social, baseada na vivência da co-responsabilidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo que analisamos até agora é clara a necessidade de mudar a relação entre o ser humano e a natureza, no sentido de promover processos que assegurem uma gestão responsável dos recursos do planeta, de forma a preservar os interesses das gerações futuras e, ao mesmo tempo, atender às necessidades das gerações atuais.

A intervenção em Educação Ambiental, através do PROSEI, assume uma função estratégica no processo de transformação de uma postura de degradação para uma postura de promoção do desenvolvimento do conhecimento, de atitudes e habilidades necessárias à preservação e melhoria da qualidade ambiental.

Nesse sentido é importante ressaltar que a escola no processo da educação ambiental torna-se um importante agente, pois é responsável pela educação das novas gerações e, consequentemente, da sociedade, dentro de uma nova ética ambiental.

Muitos caminhos estão sendo construídos para que a escola avance no seu papel social, que é possibilitar uma participação efetiva da comunidade, desenvolver um currículo voltado para à realidade de seus alunos, uma gestão democrática e, fundamentalmente, uma escola comprometida com valores éticos, ambientais e culturais que promova a solidariedade e o respeito aos direitos humanos, e a questão sócio-ambiental se traduz como uma estratégia e ao mesmo tempo uma concepção de convivência baseada nessa nova ética.

A função da educação ambiental nessa perspectiva é fazer com que todo conhecimento produzido na escola, seja compreendido como cuidado do eu e do outro, do local e do global, numa permanente interlocução.

Acreditamos no muito que foi feito pelas e nas escolas, com o apoio do PROSEI. Também temos a clareza de que a ausência desse apoio poderá interromper alguns processos em andamento, mas acreditamos que os conhecimentos gerados e o compromisso dos sujeitos que gestaram essas redes temáticas e construíram estratégias de sua viabilização, não se apagarão.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Nilda et alii. Criar Currículo no Cotidiano. Cortez, São Paulo, 2002
- BOFF, Leonardo. Saber Cuidar. Ética do humano - Compaixão pela Terra, 5^a edição, Vozes, Rio de Janeiro. 2000.
- BRASIL. *Diretrizes Curriculares para a Educação Profissional de Nível Técnico*. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Parecer nº 16/99.
- GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra, Cortez, São Paulo. 2000
- TORO, Bernardo. Mobilização Social. Ministério da Justiça, 1999
- CRUZ PRADO, Francisco Gutiérrez. Ecopedagogia e Cidadania Planetária.. Guia da Escola Cidadã. 2^a edição, Cortez, São Paulo. 2000
- _____. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em Nível Superior, Curso de Licenciatura e Graduação Plena*. Conselho Nacional de Educação: CP9, 2001.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez, São Paulo:, 2000.
- NICOLESCU, Basarad. *Educação e transdisciplinaridade*. Brasília/DF: UNESCO, 2000.
- PERRENOUD, Phillippe. *Dez novas competências para ensinar*. São Paulo: Artmed, 2000^a.
- VIVEIRO RUY, Rosimari A. A Educação Ambiental na Escola Mestranda em Educação/Educação Ambiental UNESP de Rio Claro Revista Eletrônica de Ciências nº 26, maio de 2004.
- PIRES, Maria Ribeiro Educação Ambiental na Escola, Soluções Criativas em Comunicação, atende@soluções-criativas.com.br 31.130 – 600 – Rua Catanduva, 550 – ^a Renascença – Belo Horizonte – MG (31) 3421 - 9070

ANEXO I

Relação dos Participantes do Projeto Educação Ambiental e Qualidade de Vida

01) ESCOLA MUNICIPAL EDSON LUÍS

Nº Nome do Participante	Função na escola
1. ALESSANDRA HELENA XAVIER TAVARES	Professora
2. ANA LÚCIA CUNHA DE OLIVEIRA	Professora
3. ANA MARIA GOMES DE PINHO	Professora
4. AYDË CRISTINA TRINDADE RODRIGUES	Professora
5. DIVA ROSELI SOUSA VALENTE	Professora
6. FRANCISCA COELHO RIBEIRO	Professora
7. FRANCISCA GOMES VIÉGAS	Professora
8. IVONEIDE DO SOCORRO SOBREIRA GUEDES	Professora
9. JOANA D'ARC NASCIMENTO LEÃO	Professora
10. JORACÉLIA FREIRE RIBEIRO	Professora
11. JORACINDA FREIRE MONTEIRO	Professora
12. LEONINA CARDOSO	Professora
13. LEILA ROSÄNGELA TEIXEIRA PINHO	Professora
14. LIEGE VALENTE BARATA	Professora
15. LILIAN DOS SANTOS CHAVES	Professora
16. LYCIA MARIA JOSÉ DE ALCANTARA CARVALHO	TECNICA
17. MAGALI NAZARÉ SOUZA DE ANDRADE	Professora
18. MARGARETH REGINA DUARTE PEREIRA	Professora
19. MARIA AUXILIADORA BRITO DE SOUZA	Professora
20. MARIA DE FÁTIMA FERREIRA HAASE	Professora

Continuação

Nº Nome do Participante	Função na escola
21. MARIA DO ESPÍRITO SANTO DANIN PINHEIRO	Professora
22. MARIA NILA RODRIGUES	Professora
23. MARILDA DO SOCORRO BARROS DE ANDRADE	Professora
24. REGIANE DA SILVA REINALDO	Professora
25. DEUSILANE MARIA MOTA DOS SANTOS	Aux. Adm.
26. DEUSIMAR DO NASCIMENTO PEREIRA	Aux. Adm.
27. ELYELSON SANTOS SILVA	Aux. Adm.
28. JOSÉ ROBERTO DA SILVA MOREIRA	Servidor
29. JOSÉ ROBERTO FERREIRA AZEVEDO	Servidor
30. MARIA ELIANA DOS SANTOS SILVA	Aux. Adm.
31. MARIA FRANCISCA NASCIMENTO MOTA	Servidora
32. MARIA MADALENA DOS REIS DE BRITO	Servidora
33. RAYMUNDA FURTADO QUEIROZ	Servidora
34. REINALDO ANDRADE DE FREITAS	Servidor
35. ROSA HELENA LIMA TEIXEIRA	Aux. Adm.
36. SANDRA MARIA FERREIRA NORONHA	Servidora
37. SANDRO MORAES BARBOSA	Servidor
38. SÖNIA MARIA MORAES DE SOUSA	Servidor
39. TELMA FERREIRA LAMEIRA	Servidora
40. WANDA SILVA LOBATO	Servidora
41. ZILMA GOMES PINHEIRO	Servidora

2) ESCOLA ESTADUAL CELSO MALCHER

Nº Nome do Participante	Função na escola
1. ALZEMIRA PEREIRA CASTRO DA SILVA	Professora
2. ANA CLÁUDIA SAMPAIO	Professora
3. ANTÔNIA DE FÁTIMA PACHECO COSTA	Professora
4. ANTÔNIO MARIA CHAVES DE OLIVEIRA	Professor
5. ANTÔNIO ROBERTO MARGAS DE SOUZA	Professor
6. DINALBA FERREIRA DA MATTIA	Diretora
7. GLAUCO RIVELINO FERREIRA DE ARAÚJO	Professor
8. IZOLENE DUARTE CARVALHO	Professora
9. JOSÉ LUIZ BRONIL DOS SANTOS	Professor
10 JOSUE GONÇALVES DA COSTA	Professor
11. LÚCIA LOBO VIEIRA	Professora
12. LUIZ CLÁUDIO PINTO COSTA	Professor
13. MARA CRISTINA NASCIMENTO DA SILVA	Vice – diretora
14. MARIA CELESTE ALMEIDA COSTA	Professora
15. MARIA DE NAZARÉ DIAS DE OLIVEIRA	Professora
16. MARIA DE NAZARÉ MOURA DO E. SANTO	Professora
17. MARIA DO CARMO PEREIRA	Professora
18. MARIA DO PERPETUO S. FREIRE CARNEIRO	Professora
19. MARIA DO SOCORRO CHUCRE MONTEIRO	Professora
20. MARIA ELIETE GUILHERMINA DE ABREU	Professora
21. MARIA SANTANA FERREIRA DE ALMEIDA	Professora
22. MARLY DIAS DE MORAES	Professora
23. MÔNICA SUELY SIQUEIRA SOUTO	Professora
24. OLGARIZA KEILA DA MOTA Y. DOMINGUEZ	Professora
25. REGIANNE CRYSTINA LOPES	Professor
26. RITA DE CÁSSIA PINHEIRO DE SOUZA	Professora

Continuação

Nº Nome do Participante	Função na escola
27. ROSANA FERREIRA DOS PASSOS	Professora
28. ROSICLÉA MARTINS PINHEIRO	Professora
29. ROSELY DOS SANTOS FARIAZ	Professora
30. SELMA CARNEIRO DANTAS	Professora
31. SÔNIA MARIA CORRÊA PELERANO SILVA	Professora
32. SUELY DA COSTA SANTOS	Professora
33. TEREZINHA DE CASTRO OLIVEIRA	Professora
34. TONY LEÃO DA COSTA	Professor
35. VALDEMIR ROCHA DA SILVA	Professor
36. WARLYCE PINHEIRO OEIRAS	Professor
37. ANDRÉ RAIMUNDO BRITO DA SILVA	Servidor
38. JOSÉ MARIA GOMES QUINTAL	Servidor
39. MARIA DO LIVRAMENTO RIBEIRO	Servidora
40. MARIA FELICIA MONTEIRO DO NASCIMENTO	Servidora
41. MARIA LÚCIA DA COSTA DOS SANTOS	Servidora
42. MARISTELA MELO E SILVA	Secretaria
43. MIGUEL DINIZ. R. SILVA	Secretaria
44. PAULO MARIA BATISTA E SILVA	Servidor
45. SÔNIA MARIA TAVARES FARIAZ	Servidora

3) ESCOLA DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DA TERRA FIRME

Nº Nome do Participante	Função na escola
1. ALCIDIVA CARDOSO DO NASCIMENTO	Professora
2. ANA SILVA COSTA	Professora
3. ANTONIA DE FREITAS GONÇALVES	Professora
4. ANTONIA DE FÁTIMA PACHECO COSTA	Professora
5. AUDILENA NAHUM LOBO	Professora
6. AUREA PINHEIRO PEREIRA	Professora
7. CLAUDINETE CALDAS COELHO	Professora
8. DARCIETE DA ANUCIACAO PAES DOS SANTOS	Professora
9. DEUZIMAR FILGUEIRAS DA SILVA	Professora
10. ELENICE DE CASTRO FERREIRA	Professora
11. GLEICE MARIA BARBOSA DE PAULA	Professora
12. IOLANDA MARIA SILVA DOS SANTOS	VICE-DIRETORA
13. IRACEMA SANTOS FERREIRA	Professora
14. JANE DA CRUZ PAULA	Professora
15. JAQUELINE CRUZ PAULA	Professora
16. LUIZA DINIZ PINHEIRO	Professora
17. MARCIDEÍA NUNES SANTOS	Professora
18. MARCILENE NUNES SANTOS	Professora
19. MARIA JOSÉ OLIVEIRA SILVA	Professora
20. MARIA CILENE BARROS	Professora
21. MARIA DAS GRACAS POSSIDÖNIO CARDOSO	Professora
22. MÍRIA CARDOSO DA SILVA	Professora
23. PAULO OLIVERA DO VALE	Professor
24. ROSA MARIA SANTOS PINHO	Professora

Continuação

Nº Nome do Participante	Função na escola
25. ROSILDA MACHADO SILVA	Professora
26. SANDRA ODALÉIA BRANDÃO	Professora
27. SELMA REGINA FREITAS DO NASCIMENTO	Professora
28. SILVANA TAVARES BARATA	Professora
29. SÔNIA ANGELICA MORAES DA CRUZ	Professora
30. SUZANA MONTEIRO DA ROCHA	Professora
31. ZELINDA MAURILA LIMA COSTA	Professora
32. DARCILEIDE DE NAZARÉ SANTOS DE MELO	Servidora
33. ELISARINA GOMES CARDOSO	Servidora
34. ENILDO CANTUÁRIO CAVALCANTE	Servidor
35. FELIX DOS PASSOS	Servidor
36. JOANA VELOSO	Servidora
37. MARIA DE NAZARÉ LOBATO SOUSA	Servidora
38. MARIA RODRIGUES ARAÚJO	Servidora
39. MARIA SÔNIA DA SILVA COSTA	Servidora
40. RAIMUNDA SOCORRO FIGUEIREDO BORGES	Servidora
41. ROSANGELA PEREIRA BORGES	Servidora
42. VALDENICE DE NAZARÉ ALVES DE MELO	Servidora

3) ESCOLA DO POVO CARENTE DA TERRA FIRME

Nº Nome do Participante	Função na escola
1. CLEONICE PRADO GOMES MONTEIRO	Professora
2. BRUNO FONSECA CAETANO	Professor
3. DARZITA DOS SANTOS FERREIRA	Prof. / Mon.
4. DEUSARINAARRAES DE OLIVEIRA	Professora
5. EDIANE MARQUËS FERREIRA	Professora
6. HELEN GABRIELA LEMOS DIAS	Professora
7. MARCILENE DOS SANTOS FERREIRA	Professora
8. MARAI ALICE DIAS SILVA	Professora
9. MARIA GERCINA MARQUES FERREIRA	Professora
10. ROSELENE RIBEIRO LIMA	Professora
11. SHIRLEY MARIA CARDOSO	Professora
12. IRANIL BARRETO GOMES	Professor
13. EDER MELO FERREIRA	Servidor
14. IZABEL EVANGELISTA CARVALHO	Servidora
15. MARIA DO CARMO DE MORAES	Servidora
16. PEDRO SOUZA DE SOUZA	Servidor

4) ESCOLA MUNICIPAL STELLINA VALMONT

Nº Nome do Participante	Função na escola
1. ALCIRLENE DO SOCORRO COSTA FERREIRA	Professora
2. ANTONIA ELIZABETE SANTO DE CARVALHO	Professora
3. BENIGNA CORRÊA VILHENA	Professora
4. HIRNA BARROSO BRABO	Professora
5. IRACILDO JOÃO MELO MARTINS	Professor
6. JOSYANNE MARIA MAMORÉ DE OLIVEIRA	Professora
7. LÚCIA SOARES CASTRO	Professora
8. LUCILA DO AMARAL DE PAULA	Professora

Continuação

Nº Nome do Participante	Função na escola
9. MÁRCIA LOBATO DE MENEZES	Professora
10. MARIA CELESTE PANTOJA SANTOS	Professora
11. MARIA DO CARMO DE MOURA PEDAGO	Professora
12. MARIA DO CARMO DE SOUZA	Professora
13. MARIA DO P. SOCORRO RAMOS DA SILVA	Professora
14. M ^a DO SOCORRO RODRIGUES DE NAZARÉ	Professora
15. MARIA RUTH GARCIA REIS	Professora
16. MARIA SILVIA LEITE SANTOS	Professora
17. MARINILDA MONTEIRO DA ROCHA	Diretora
18. PEDRO PAULO DE CASTRO SANTOS	Professor
19. SELMA SOUZA SARRAF	Técnica
20. VERA LÚCIA COSTA PEREIRA	Coord. Ped.
21. VERA LÚCIA DE LIMA LOPES	Professora
22. VERA LÚCIA SARMENTO DOS SANTOS	Professora
23. ADRIANA DE SOUSA LIMA	Servidora
24. ALDENOR DE SOUZA FERREIRA	Servidor
25. ANA CLAUDIA MONTEIRO DAMASCENO	Servidora
26. ANA LÚCIA PINHEIRO	Servidora
27. CARLA DARLENE ROLIM BARREIROS	Servidora
28. CELINDA PEREIRA CASTRO DA SILVA	Servidora
29. CÉZAR AUGUSTO ALMEIDA DE SOUSA	Servidor
30. CIDALINA SILVA DE ALMEIDA	Servidora
31. CLAUDIA SILVA FERREIRA	Servidora
32. CLEONICE DE SOUZA SANTOS	Servidora
33. DION ESPÍRITO SANTO DA CUNHA	Aux. Adm.

Continuação

Nº Nome do Participante	Função na escola
34. DIRCE MARIA DE OLIVEIRA	Apoio
35. ERNANDES DE ALMEIDA FERREIRA	Servidor
36. FRANCISCA GAMA	Servidora
37. HILDA DE MELO RODRIGUES	Servidora
38. ILZARINA DE ABREU BARROS	Servidora
39. IRACI ARAÚJO DA COSTA	Servidora
40. IZABELA DA CONCEIÇÃO DOS PASSOS	Servidora
41. JOVITA MARIA DE LIMA CORDEIRO	Servidora
42. LUZIA GARCIA DA SILVA	Servidora
43. MARIA DO SOCORRO RODRIGUES BATISTA	Servidora
44. MARIA JOSÉ CARVALHO DE ALFAIA	Servidora
45. MARIA LÚCIA COSTA DE FREITAS	Aux. Adm.
46. MARIA RUTH FERREIRA DA CRUZ	Servidora
47. MARILENE ALMEIDA DOS SANTOS	Servidora
48. MIRACI MATIAS DA SILVA	Servidora
49. PAULO CÉSAR ALVES ORDONES JÚNIOR	Aux. Adm.
50. RAIMUNDO FERREIRA	Servidor
51. RAQUEL RAMOS FERREIRA	Servidora
52. REGINA CÉLIA BARROSO GONÇALVES	Aux./ Adm.
53. TEREZINHA DE JESUS SIQUEIRA DA SILVA	Servidora
54. VALTER DOS SANTOS SOUSA	Aux. Adm.

4) ESCOLA MUNICIPAL PARQUE AMAZÔNIA

Nº Nome do Participante	Função na escola
1. ALESSANDRA BORGES GONÇALVES	Professora
2. BENEDITO DE JESUS MERCES MENDES	Professor
3. CREUZA MARIA PINHEIRO DE QUEIROZ	Professora
4. DAISE LENALIMA PAES	Professora
5. DELMANY GOMES DE NORONHA	Professora
6. DILSON DOS SANTOS AIRES	Professor
7. EUNICE DO SOCORRO DA LUZ MAIA	Professora
8. FÁTIMA DO SOCORRO OLIVEIRA MORGADO	Professora
9. ILMA FERNANDES DE MIRANDA	Professora
10. INACENILDE CORREIA DE ALMEIDA	Professora
11. IRACILDA CAMPOS VELOSO	Professora
12. JOÁO DE CASTRO TAVARES JÚNIOR	Professor
13. KARLA SOUZA	Professora
14. KÁTIA DE JESUS FREITAS TAVARES	Professora
15. LÉA CORRÊA DE ALMEIDA	Professora
16. MARIA ANTÔNIA VIEIRA MACÊDO	Professora
17. MARIA DE FÁTIMA SOARES CAMPOS	Professora
18. MARIA JOSÉ PERDIGÃO BARROS	Professora
19. MARIA NASCIMENTO MIRA	Professora
20. MARIA RAIMUNDA DIAS DE SOUSA	Professora
21. NARA CERLI ALVES MORAES	Professora
22. NEUZA SIMONE SILVA DE OLIVEIRA	Professora
23. PAULO ARTUR DE VILHENA	Professor
24. REGINA CELIS BURASLAM DAS NEVES	TECNICA
25. RITA DAS GRAÇAS VASCONCELOS DE MOURA	Professora
26. SELMA SOUZA SARRAF	TECNICA

Continuação

Nº Nome do Participante	Função na escola
27. ADRIANA BENTES DA SILVA	Aux./ Adm.
28. ALESSANDRO GONÇALVES DE SOUZA	Servidor
29. DORA PAIVA	MERENDEIRA
30. FELICIANO VALE MACIEL	Aux. Adm.
31. FERDINANDO MODESTO VIEIRA	Servidor
32. FRANCISCO DANIEL S. CALDAS	Aux. Adm.
33. GIL FERREIRA GONÇALVES	Servidor
34. GILSON DE BRITO OLIVEIRA	Servidor
35. GILSON LOPES DE SOUZA	Servidor
36. IARACI MARIA PAMPLONA RIBEIRO	Aux. Adm.
37. JOSÉ JOAQEUIM BARBOSA BASTOS	DIRETOR
38. JOSÉ MARIA VALE DE SOUZA	Servidor
39. JOSÉ RICARDO BANDEIRA NASCIMENTO	Servidor
40. LUIZ CLÁUDIO FROTA DE OLIVEIRA	Aux. Adm.
41. MARIA AUXILIADORA PAIVA BEZERRA	Servidora
42. MARIA DA CONCEIÇÃO SOEIRO MATOS	Aux. Adm.
43. NORMA SUELI QUEIROZ	Servidora
44. SANDRA GOMES CORRÊA	Servidora
45. SERGIO GLIMPIO GOMES SANTIAGO	Aux. Adm
46. SIDCLAY DE JESUS PINHEIRO	Servidora

4) EEC COM A SEDUC GABRIEL PIMENTA E UNIVERSAL

Nº Nome do Participante	Função na escola
1. AIDA MARIA BATISTA GUIMARÃES	Professora
2. ANA PAULA BRASIL SANTOS	Professora
3. ANA PINHEIRO DE SOUZA	Professora
4. ANGELA MARIA LIMA FELIX	Professora
5. ÂNGELA TAVARES FARIAZ	Professora
6. ALDENORA IRENE NASCIMENTO	Professora
7. CONSUELO GAMA SANTA MARIA	DIRETORA
8. CRISTIANNY AUGUSTA DE SOUZA	Professora
9. EDINÉA DE OLIVEIRA SOUZA	Professora
10. ELAINE DE OLIVEIRA SOUZA	Professora
11. ELIANE DE OLIVEIRA SOUZA	Professora
12. ELLEN MELO PANTOJA	Professora
13. JEANNE COSTA DA SILVA	Professora
14. MARIA AUXILIADORA GOMES FERNANDES	Professora
15. MARIA DAS GRAÇAS CANTÃO ARAÚJO	Professora
16. MARIA LEONOR MODESTO DE ALMEIDA	Professora
17. MARIA LINDETE SILVA DE HOLANDA	Professora
18. MARIA RAIMUNDA DA SILVA OLIVEIRA	Professora
19. MARIANA DE JESUS CORDEIRO DA SILVA	Professora
20. MARILIA SAMANTA DRAGO DE SOUZA	Professora
21. MARLY DIAS DE MORAES	Professora
22. ODINEIA CARNEIRO FERREIRA	Professora
23. PAULO SÉRGIO CORDEIRO PONTES	Professor
24. RAIMUNDA CRISTINA PEREIRA CORDOVIL	Professora
25. TATHIANE CRISTINA SANTOS RIBEIRO	Professora
26. VALDELICE FERREIRA DA SILVA	Professora

Continuação

Nº Nome do Participante	Função na escola
27. VILMARINA CARLOS	Professora
28. CREUZA MARTINS CORRÊA	Servidora
29. FRANCINETE DO SOCORRO FERREIRA VIEIRA	Servidora
30. MARIA ROSILENE PEREIRA CORDOVIL	Servente
31. MARIZA PEREIRA DIAS	Aux. Adm.
32. RAIMUNDA CELINA DA SILVA LIRA	Servidora
33. ROSICLEIDE SANTOS DA TRINDADE	Servidora
34. VALDENORA DOS SANTOS RIBEIRO	Servidora

7) ESCOLA ESTADUAL DA BARÃO DE IGARAPÉ MIRÍ

Nº Nome do Participante	Função na escola
1. CLÉIA DO SOCORRO MARTINS GOMES	Professora
2. DULCIRENE BORGES DE AGUIAR	Professora
3. MARIA DA CONCEIÇÃO SANTOS	Professora
4. MARIA DE FÁTIMA TENÓRIO RODRIGUES	Professora
5. MARIA FERREIRA FURTADO	Professora
6. MARIA LÚCIA MIRANDA BATISTA	Professora
7. SOCORRO LINETE DINELE SIQUEIRA	Professora

8) ESCOLA MUNICIPAL PROF. SOLERNO MOREIRA

Nº Nome do Participante	Função na escola
1. ANA CLÁUDIA SANTOS SOUZA	Diretora
2. ANA RITA RUFINO DA COSTA	
3. ANA SUELY BAENA MELO	Professora
4. CARMEM SUELLEN GESTA	Professora
5. CLÁUDIA MARIA SOUZA MESQUITA	Professora
6. EDUARDO RODRIGUES DA CRUZ	Professor
7. DILENA SUELY MENEZES CRUZ	Substituta
8. JANICE DA CRUZ PAULA	Professora
9. LIRACI MARIA CAMPOS PENA	Professora
10. MARIA BARBARA SANTOS MATOS	Professora
11. MARIA CLEIDE RODRIGUES DA TRINDADE	Professora
12. MARIA DAS GRAÇAS MACIEL SOARES	Professora
13. MARIA DAS GRAÇAS DA SILVA PANTOJA	Adm. escolar
14. MARIA DE LOURDES PEREIRA FURTADO	Professora
15. MARIA DE NAZARÉ MENESES CRUZ	Professora
16. MARIA DE NAZARÉ SOUZA ROCHA	Professora
17. MARIA DO SOCORRO CARDOSO RIBEIRO	Professora
18. MARIA DO S. DO ESPÍRITO SANTO AMARAL	Professora
19. MARIA DO SOCORRO DA SILVA FERREIRA	Professora
20. MARIA DO SOCORRO LIRA SILVA DOS SANTOS	Professora
21. MARIA HELENA FERREIRA ANDRADE	Professora
22. MARIA MADALENA CAMPOS COÊLHO	Professora
23. MARIA ODINÉIA CRUZ MAGNO	Professora
24. MARISIONEY NASCIMENTO DE PAULA	Professora
25. MARIVETE DA SILVA TAVARES	Professora
26. MICHELLE CORREIA ATAIDE	Professora

Continuação

Nº Nome do Participante	Função na escola
27. NATALINA BENTES MODESTO	Professora
28. ROSÂNGELA MARIA LIMA VIEIRA	Professora
29. ROSÂNGELA MIRANDA BATISTA	Professora
30. SIMONE DA SILVA CHAVES	Professora
31. TEREZA CRISTINA SIMÓES MARTINS	
32 ANDERSON ALEX SOUZA BAIA	Servidor
33. ANGELA DA CONCEICÁO BENTES DE JESES	Servidora
34. CARLA PATRICIA SEABRA DA SILVA	Servidora
35. CLAUDIA GALVÃO PERES	Aux. Adm.
36. DARIALVA DA SILVA GONÇALVES	Servidora
37. EDILBERTO MATIAS TRINDADE	Servidor
38. EDSON DA SILVA ERRUAS	Servidor
39. ELNA PARAGUASSÚ PANTOJA	Servidora
40. IVALDO PESSOA COSTA JÚNIOR	Servidor
41. JOSÉ JORGE GONCALVES CRUZ	Servidor
42. KÁTIA TERESA MORAES GONÇALVES	Aux. Adm.
43. MANOEL DA VERA CRUZ REIS SOUZA	Servidor
44. MARIA ALZEMIRA DA SILVA RODRIGUES	Servidor
45. MARIA DO SOCORRO SIQUEIRA	Servidora
46. MARIA REGINA BRITO PEREIRA	Servidora
47. OLGARINA AMORRIM OLIVEIRA	Servidora
48. REGIVALDO DE FREITAS MENEZES	Servidor
49. ROSILEIDE DE NAZARÉ LEÃO	Aux. Adm.
50. SEBASTIANA BALDEZ COSTA	Servidora



Parceiros



Universidade Federal do Pará



Prefeitura Municipal de Belém



Associação Paroense de Apoio as Comunidades Carentes



Raytheon

